

ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE.. 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Foi uma nota commovente das eleições de 30 de janeiro o espectáculo dos *guardas civis* votando a descoberto nos candidatos impostos pela vontade dos potentados.

O voto a descoberto, instituido para a manifestação da independencia do eleitor, da sua honestidade em affrontar pressões olygarchicas ou coleras officias, intolerantes, inexoraveis como as coleras dos deuses, serviu, naquella dia, de demonstração da subservencia dos humildes, dos pobres funcionarios da segurança publica, desses homens transformados em automatos de uma passividade dolorosa.

Essa pobre, essa infima legião de guardas civis, por signal tão meiga, tão paciente e bôa, si bem que ainda pouco amestrada nesse difficil mistér de lidar com ebrios, com vagabundos, com reincidentes gatunos, com prostitutas impenitentes, fiou da obediencia cêga o pão da familia, os magros vintens apenas sufficientes para não serem mendigos ou não ficarem inanimados de dôr, ante as lagrimas dos filhinhos a se contorcere de fome, ante os gemidos das mães velhas decrepitas nos antros da miseria, onde não entram, como frestas de sol, o olhar maravilhoso dos que tudo pôdem, dos que mandam, dos que desmandam.

Eram de ver, com uma grande angustia revoltada, as fronte apopleticas de pudor, os olhos illuminados pelo esmalte doloroso de lagrimas reprimidas, as faces contorcidas num rictus de amargura, as mãos tremulas a garatujarem assignaturas, a attitude de coacção dos pobres guardas civis nas mezas eleitoraes, assegurando o emprego com o opprobrio daquellas forcas caudinas de recentissima invenção.

Um fremito de indignação percorria os grupos de eleitores, testemunhas daquella vergonha imposta aos hu-

mildes guardas civis, vergonha de que um intenso reflexo moral attingia, como uma nuvem de poeira immunda, os cidadãos sem cabresto e os dominados por uma recatada pressão moral, os agentes do Governo, auctores daquella imposição odiosa, e a propria Republica, principal victima desses excessos hediondos.

Antigamente, os eleitores recebiam dos chefes autocratas, dos representantes das olygarchias, a chapa de *caixão* á bocca das urnas. E nós, republicanos; nós, ingenuos poetas da democracia, bradavamos em alta vóz, sonora, crúa, indignada, numa vehemencia furiosa de trovão, contra essa miseravel extorsão, essa escancarada offensa á dignidade do cidadão eleitor. Em outros tempos, o Governo comprimia com o seu prestigio omnipotente a consciencia dos funcionarios publicos, denominados, por um sarcastico euphemismo, os amigos do Governo. Mas essas intervenções indebitas, essas violencias eram feitas com certo respeito ás conveniencias de modo que o cidadão, o funcionario não soffresse o supplicio da vergonha publica e notoria para affirmar a popularidade do Governo.

Essa imposição do voto descoberto, essa publica disseccção da consciencia dos guardas-civis, essa humilhação solemne de uma creatura que tem carne, osso, alma, como nós, confirmando deante de toda a gente o proprio vilipendio, foi um tormento inédito, uma abjecção sem precedentes nos sinistros fastos da prepotencia.

Tão caros andam os meios de subsistencia que quem dá o pão tem o direito de dar o páu. Por uns oitenta ou cem mil réis mensaes, um pobre abdica do seu sangue, da sua vida, exposta, a cada hora, á sanha dos faccinoras e aluga a liberdade de pensar, a liberdade de votar, sob pena de quebrar a disciplina da corporação, de dar um funestissimo exemplo de insubordinação ingrata.

A esses pobres homens se confiam interesses sociaes de grande monta: elles são instrumentos da manutenção da ordem, velam pela vida, pela propriedade, para que o cidadão ande seguro pelas ruas da cidade ou adormeça tranquillo. Mas a confiança para funções de tamanha importancia desaparece, quando se trata dessa melindrosa coisa que se chama politica, feita de manhas, de falcatruas, de perfidias, que os homens superiores conhecem, por experiencia propria, por fóra e por dentro. E, si esses privilegiados da fortuna tão caroaveis se mostram á chicana partidaria, á inconsistencia de idéas, ao abandono dos principios, não seria para estranhar que os guardas civis, transformados numa cohorte de lacaios do Governo, se prevalessem do mysterio das urnas para encartarem a sua velhacaria, para roerem a corda aos candidatos do peito de suas excellencias.

* *

Nós não julgamos as altas auctoridades capazes de tão mesquinha imposição. Mas abaixo dellas ha, numa gradação de servilismo, subordinados mais realistas que o rei, agentes cujo maximo empenho é darem arrhas de subservencia, e não se julgam já-mais sufficientemente agachados para evidenciarem, num destaque indubitavel, a sua dobrez innexcedivel. E fôram certamente esses intermediarios, engrossadores crueis, os responsaveis por esse voto descoberto, dessa ridicula abjecção que maculou, com traço humilhante, as eleições de 30 de janeiro na Capital da Republica.

Estamos daqui vendo a rubra indignação do honrado ministro da Justiça, quando lhe communicaram, como um rasgo de fidelidade canina, essa patifaria da submissão dos guardas civis, da humilhação desse voto, manobra indigna que deu maior vulto á derrota de candidatos, cuja victoria, muito embóra s. ex se abstivesse ab-

solutamente de intervir no pleito, não lhe seria desagradavel..

O ministro que manteve o compromisso de honra de garantir o acesso ás urnas, de impedir os desmandos da capangagem assanhada, de burlar as costumeiras ameaças, empregadas para apavorar o eleitorado, não desceria a auctorizar essas baixeiras.

E tão sinceramente o dizemos, quanto não regatearemos louvores ao Governo pela manutenção da ordem durante o processo da eleição. As patrulhas embaladas, postadas nas circumvisinhanças das sédes das sessões, tiveram o mirifico effeito de um forte calmante do perigoso entusiasmo da capoeiragem partidaria.

O diminuto numero de cidadãos que concorreram ás urnas, votou livremente tanto quanto é possível no regimen de desconfiança ou descrença no resultado do voto.

O Governo teve, como o conselheiro Saraiva, de gratissimas recordações, a honra de ser derrotado na primeira experiencia da reforma eleitoral. E' pena que essa gloria se restringisse ao Districto Federal e não tenha a extensão da do eminente estadista bahiano, derrotado em todo o Imperio.

Naquelle tempo, os presidentes de provincia obedeciam fielmente ao pensamento do governo central, no plano de ephemera restauração do suffragio popular; hoje, as provincias emancipadas em Estados, fôram, em grande parte, doadas a dynastias de incapazes, cujo nervo é a fraude, a prepotencia, a tyrannia, nas fórmias mais toscas e despreziveis.

E assim será até vir, enviado pelos fados tutelares do Brazil, um homem da resolução patriotica para varrer esse lixo, esses nauseabundos detritos da politicagem.

POJUGAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Precizo se torna ver mais de perto a solução de Bomfim ás difficuldades latino-americanas.

Pelo que se refere á salvação das sociedades de nosso continente, o auctor brasileiro exprime-se nestes termos: «A verdade é que, nas condições actuaes da America do Sul, só ha dois meios de se construir aqui nacionalidades prosperas, cultas e fortes; ou

deixar que as actuaes, *entregues a si mesmas*, completem a sua evolução, e consigam remover as causas que ainda hoje entorpecem o seu progresso; ou, então, *eliminar-as, eliminar* litteralmente as populações existentes (*Miseriordia*), como succede aos selvagens da Australia.» (Pag. 346).

Bomfim desarrazôa evidentemente: ou os povos do continente *entregues a si mesmos*, sem auxilio estranho, ou, ao contrario, a sua *eliminação geral*. São dois pontos de vista em completa polaridade. Dois partidos extremos.

Opina, como não podia deixar de ser, pelo primeiro, tanto mais quanto o segundo não poderia ser levado a effeito pelas resistencias que seriam oppostas a tão lonco intento.

Mas nota-se quão pouco tem meditado o auctor sobre a vida e os destinos de nossa patria.

No que houver de dizer daqui por deante, me referirei sómente ao Brazil.

Não conheço sufficientemente a vida das outras gentes ibero-americanas, e, ainda que a conhecesse a fundo, não me atreveria a fazer prognosticos sobre o seu porvir.

Creio que, no que concerne ao nosso viver social e politico, á nossa existencia como nação, quatro são os caminhos que teremos a seguir: 1º, o *actual systema*, rotineiro e perigoso, além do atrazo e da apathia geral que produz, traz, fatalmente, o *desequilibrio* entre o norte e o sul do paiz com o *desastrado regimen de immigração* que se tem seguido; 2º, *systema de infusão de novas e altas idéas, nova intuição realistica* do mundo e das nações, preparada por *forinstrução moderna superior e technica*; 3º, *Systema de formação de caracter novo* por um regimen especifico de *educação adequada*; 4º, *Systema de formação de caracter novo* por meio da *colonisação integral* do paiz, com a *immigração espalhada por todas as zonas*.

O primeiro systema é anachronico e tem dado pessimos resultados e ha de acarretar, si proseguirmos nelle, o desmembramento futuro do paiz. E' o systema que se pôde chamar *brazileiro*.

O segundo é util e conveniente, quando encontra a base forte de *um caracter firme*, capaz de grandes empreendimentos. E' o systema *japonez*. Este admiravel povo, *sem pedir immigrantes*, sem se misturar com estrangeiros, povo de qualidades moraes superiores, senhor de uma alta cultura, entendeu de a modernizar no sentido europeu, adoptando os proventos materiaes da civilisação occidental.

Fel-o com uma segurança, um atilamento sem igual. E' hoje uma das primeiras potencias do mundo.

O Brazil não se acha absolutamente em eguaes condições.

E' systema que só pôde ser empregado de combinação com o terceiro.

Este é muito seguro, mas extremamente difficil de obter.

Seria precisa a acção combinada de milhares de pessoas que, por todos os angulos desta terra, se propuzessem a modificar a nossa pessima *educação*, substituindo-a por outra mais diversa, que aproveitasse sómente certas qualidades boas que nos herdaram nossos maiores.

O quatro systema, que, aliás, pôde e deve ser empregado de combinação com os dois anteriores, pôde ser chamado o systema—*norte-americano*. E' salutar, com a condição da inoculação de elementos ethnicos de primeira ordem, por todas as regiões do paiz, de forma que sejam *assimilados á nossa gente pelo uso de nossa lingua*.

E' o opposto do regimen que temos seguido até agora, a datar de 1825, epocha em que se formaram os primeiros nucleos coloniaes allemães nas provincias do sul.

Esse desgraçado modo de colonizar constitúe o mais serio problema que o Brazil terá de resolver em futuro muito proximo.

Sobre este terrivel assumpto, o sr. dr. Bomfim guarda em seu livro o mais completo silencio. E' singular...

Discute um milhão de banalidades e deixa completamente de lado a mais seria de todas as questões que possamos debater.

Não canso de repetir: tal systema pôde ser optimo, e o é, por certo, do *ponto de vista allemão*; mas é pessimo, é perniciosissimo, do *ponto de vista brasileiro*.

Para se formar idéa exacta da gravidade do assumpto, mistér é ter estudado diligentemente o povo allemão, conhecê-lo bem no seu desenvolvimento historico, e, acima de tudo, no seu assombroso progresso contemporaneo, nas industrias, na navegação, no commercio, na expansão colonial, direi melhor, na necessidade indeclinavel que sente de escoar para *colonias suas* o excesso de sua população, que augmenta, a olhos vistos, de fórma assustadora.

E' que de todas as gentes dotadas de altas qualidades em qualquer sentido—os allemães é aquelle a quem coube na partilha da terra uma região mais pobre.

Os hindús tiveram a India vasta e uberrina; os iranianos, a Persia extensa e de variadas zonas; os slavos, o norte dos Balkans e a Russia immensa; os celtas, a França fortissima; os hellenos, a Grecia encantadora e as ilhas maravilhosas; os italiotas, a Italia risonha, de clima dulcissimo, ubertosa.

Os scandinavos e seus proximos parentes—os germanicos, os allemães,

— as asperas terras do norte da Europa.

Estão, por isso, estes ultimos, os mais prolificos e emprehendedores, condemnados á busca de melhores terras. Foi sempre o seu papel durante os dois mil e duzentos annos de sua existencia, depois que appareceram na historia.

Occupam certamente hoje uma vasta região na Europa, zona que, na porção meridional, é regularmente fertil e rica e cuja porção do norte está grandemente modificada por maravilhosos esforços duma cultura acima de todo elogio. Mas, para gente de tal vitalidade, de tão intenso impeto de expansão, é pouco.

Assim, de todos os povos arianos — os germanicos, portadores de qualidades de primeira ordem, são os peor aquinhoados no tocante á terra. E essa desproporção torna-se ainda mais chocante, si é comparada á de certos povos que, com razão ou sem ella, os germanicos julgam seus inferiores.

Não lhes soffre muito a paciencia que vastas regiões da Asia, da America e d'África, estejam noutras mãos que não as delles.

O mais antigo surto da raça, atrás de terras, arrojou-a ás regiões do alto norte da Europa, e perde-se nas sombras impenetraveis do passado.

O seu destino era, dahi por deante, procurar sempre o sul, em demanda de mansões mais largas e mais doces.

O seu primeiro arranco nesse sentido já é quasi historico e foi quando occuparam a famosa *planicie soxonica*, onde ramos energicos da raça lançaram as bases de seu viver particularista.

Mas não bastava; novas incursões teriam de ser feitas.

Os *cimbros* e *teutões* demandaram as terras que se lhes antolhavam maravilhosas do sul, regiões amansadas pelo colosso romano.

Dahi por deante, durante quatro seculos, os germanicos fôram lentamente se escoando pelos membros extensos do imperio.

Metteram-se por todas as provincias, como hoje se mettem por todo o mundo.

Desde então, os dias de Roma estavam contados, e os vencedores, os destruidores, os herdeiros do imperio só não eram conhecidos dos cegos optimistas, dos patrioteiros de vistas curtas, que não fallham nunca entre os povos que vão morrer.

O Inconsciente da historia produz sempre gente dessa, para o fim de mascarar e illudir a quêda das nações. Quanto mais se estas precipitam, mais esses novelleiros de bellos e rozeos augurios se acreditam no melhor dos mundos.

Manda a justiça, porém, declarar que nem todos fôram cegos aos claros symptomas da verdade.

Os espiritos clarividentes tiveram desse enorme desacerto da politica imperial perfeito conhecimento.

E' o caso, entre outros, de Ammiano Marcellino e Synésius, que escreveram antes da grande invasão do principio do V seculo.

O primeiro, falando do tratado ajustado entre o imperador Valente e os godos, convenio pelo qual lhes concedia que passassem o Danubio e se estalessem na Thracia, escreveu: «Quando os mensageiros vieram ter com o imperador, os cortezãos applaudiram; enalteceram a felicidade do principe a quem a fortuna trazia recursos inesperados e de tão longinquas regiões. Um bom ajuste devia ter immediatamente logar. O exercito romano ia ficar invencivel com a incorporação de tantos estrangeiros; o tributo que as provincias deviam em soldados, convertido em ouro, augmentaria indefinidamente os recursos do thezouro, o imperio ganharia segurança e riqueza. O imperador firmou a convenção, estipulando a admissão dos barbaros. Enviaram-se immediatamente numerosos funcionarios para ordenarem o transporte; teve-se muito cuidado para que um só destes *destruidores do imperio* não ficasse da outra banda, ainda que estivesse atacado de molestia mortal. Dia e noite, em cumprimento da ordem imperial, essa plebe truculenta, apinhada em barcas, taboas, troncos de arvores, foi transportada para cá do Danubio. A pressa era tamanha que varios morreram afogados. Tanta azáfama, tanto trabalho *para introduzir o flagello e a ruina do mundo romano!*...»

Ammiano Marcellino era daquelles que não se illudiam a respeito da inconveniencia de tratados, como esse que foi levado a effeito pelo infeliz imperador Valente. Este principe, tendo ido, pouco após, combater os seus alliados godos revoltados, foi vencido. Fugitivo, depois da batalha, tinha-se acolhido a uma palhoça que havia em caminho. Alcançado pelos godos, lançaram estes fogo á choça, morrendo lá dentro queimado aquelle que lhes havia aberto as portas do imperio... Que lição!

Synésius via ainda mais claro nos factos do que Ammiano.

«Quando se imagina, escreveu elle, o que póde emprehender, num momento de perigo para o Estado, uma mocidade estrangeira, numerosa, formada por leis diversas das nossas, tendo outras idéas, outros costumes, é mistér *haver perdido toda a previdencia para não tremer*...»

O rochedo de Sisypho está suspenso sobre nossas cabeças.

Appareça-lhes a mais leve esperança de victoria, e *havemos de ver que tenebrosos pensamentos alimentam em segredo nossos defensores de hoje*.

Os barbaros são hoje tudo; sejam, pois, de tudo afastados. Sejam para elles inacessiveis as magistraturas e especialmente a dignidade senatorial, honraria suprema dos romanos.

E' espantoso! não existe uma só de nossas familias na qual não esteja empregado um godo em algum serviço! Em nossas cidades os pedreiros, os vendedores d'agua, os carregadores, são godos!...»

O resultado todo o mundo sabe qual tenha sido: preparado o terreno, dado um arranco invasor no começo do V seculo, em toda linha, os que estavam dentro deram as mãos aos companheiros de fóra e o imperio ruin.

Durante a primeira phase da idade média, estenderam-se os germanos pela Gallia, Italia, Hespanha, Britannia, regiões centraes da Europa, norte da Africa. Formaram-se as nações modernas. Declararam-se herdeiros e continuadores do imperio e constituíram o *Santo Imperio Romano Germanico*, que durou seculos e anda reproduzido, para os bons patriotas, no imperio da Allemanha actual.

No assumpto, é digna de ler-se a obra magistral de J. Bryce, o grande historiador inglez.

Trahit, entretanto, *suaquenque indoles populum*; o genio do povo não se desmentiu: sempre emprehendedor, sempre ouzado, sempre activo, a despeito de sua pessima posição geographica, máu grado difficuldades historicas, oriundas dessa mesma situação, quasi invenciveis, eil-o que na segunda phase da idade medieval revela desusado vigor no movimento extraordinario das *Hansas*.

O ramo anglo-saxonio e hollandez começaram, pouco após, a bracejar pelo mundo. Cobriram-no de colonias por toda parte.

O grupo central, os allemães propriamente ditos, acrysolado pelas luctas e embaraços que se lhe oppunham, desafogava-se nas lettras e nas sciencias, á espera de seu dia, e esse dia chegou.

A sua alta posição militar, *terra, marique*, é actualmente immensa; mas é nada deante de sua expansão commercial pelo mundo em fóra. Ali é que bate o ponto.

E' assumpto para ser estudado em Paul Roussiers, — em livros, como — *Hambourg et l'Allemagne Contemporaine*, *Les Syndicats industriels de Producteurs en France et à l'E'tranger*; em Georges Blondel, *L'Essor Industriel et Commercial du Peuple Allemand*; em Jules Stoecklin, — *Les Colonies et l'E'migration Allemandes*; em V. A. Malte Brun, — *L'Allemagne Illustrée*;

em Henri de Tourville, — *Histoire de la Formation Particulariste*; em Arthur Raffalovich, — *Trusts, Cartels et Syndicats*.

Sem esse preparo, não se póde fazer uma idéa do conjuncto das forças em acção; não se póde fazer idéa da amplidão do systema; não se póde marcar nelle o logar em que se prende o caso brasileiro, quero dizer, o que em meio das aspirações allemães representam *as suas colonias do Brazil*.

Quem não apprehende a questão desta altura não logra conceber-lhe o alcance e não chega a formar a consciencia clara de quanto ella tem de brilhante e esperançosa para allemães e de vergonhosa e humilhante para brasileiros.

A tendencia do povo allemão para emigrar, estimulada pela pobreza do sólo, é antiga, já deixei ponderado.

O seu subito apparecimento, como potencia fundadora de colonias, é modernissimo, e principalmente provocado, além da pobreza da terra, pelo desenvolvimento extraordinario da população, pelo crescimento anormal de seus productos industriaes, pelas grandes despesas do orçamento militar, que, multiplicando os impostos, fórça grande numero de individuos a saírem do paiz, o que tudo levou o governo allemão, secundado neste ponto pelo commercio e pelas classes productoras, a procurar tambem *crear por ali além outras pequenas Allemanhas*.

Em quatro annos, de 1884 a 1888, o imperio germanico, que até então não possuía um palmo de terra fóra da Europa, — nos continentes longinquos, se fez a terceira potencia colonial do mundo.

Está abaixo apanas da Inglaterra e da França. De um impeto, collocou-se acima de Portugal e da Hollanda. No genero, não se tinha visto nunca igual testemunho de força de vontade, segurança de planos e rapidez de acção. Nas ribas occidentaes da Africa, principalmente em *Costa de Camarão* e em *Angra Pequena*, apoderaram-se os allemães de enormes terrenos. Foi, porém, na costa oriental que a fortuna lhes sorriu benefica e ultra-compensadora. Toda a região de Zanzibar, desde o mar das Indias até á zona dos lagos centraes africanos, compreendendo as melhores terras do continente, caíu-lhes nas mãos. E' um imperio colossal.

Na Oceania, apoderaram-se das *Ilhas de Bismarck*, das *Ilhas Marshall* e de toda a parte norte da *Nova-Guiné*, a maior ilha do mundo. O que de habilidade, de decisão, de presteza empregaram elles para, em menos de quatro annos, chegar a este assombroso resultado, não vem para aqui o referir. Baste dizer que tudo isto obe-

deceu a um plano, que se váe realizando a golpes de audacia.

A sua acção mundial se divide em duas direcções bem distinctas: a *emigração* para os paizes feitos, como os Estados-Unidos, por exemplo, onde tem grupos ou individuos esparsos, o que se costuma impropriamente denominar colonias, mas não merecem este nome; e as *colonias propriamente ditas*, que são dependencias politicas, porque estão debaixo da soberania e protectorado do imperio.

Nas primeiras, como entre os norteamericanos, acontece que, segundo conta Malte-Brun, os allemães, uma vez estabelecidos, não ficam mais allemães de nação. A natureza peculiar de seu character, a vida facil que encontram, os levam a acceitar a nacionalidade estranha. A lingua allemã continúa a servir aos paes; os filhos nascem americanos e, depois de uma ou duas gerações, os descendentes allemães não sabem mais falar a lingua de seus maiores. (*L'Allemagne Illustrée*, IV. pag. 310.)

Foi em consequencia disto, ajunta Raoul Postel, que os homens de Estado da Allemanha viram que seria preferivel, *do ponto de vista nacional*, dirigir o movimento da emigração para colonias allemãs que deveriam ser fundadas em varias regiões do Globo, ainda não occupadas. Dito e feito; dahi por deante, a *colonisação*, no velho sentido, foi com exito tentada pelo imperio, o hoje os allemães não emigram só para as terras estranhas; dirigem-se tambem para as suas *conquistas* de além-mar.

Em 1882, um economista tedesco dizia na *Sociedade de Oeste para a colonisação e a exportação*: «Nosso fim, nosso alvo supremo é elevar a Allemanha do papel de potencia continental ao de uma potencia, cuja influencia se estenda pelo mundo inteiro. Nosso fim é fazer de nossa patria uma nação que abraçe poderosamente a terra e exerça um influxo renovador na civilização da humanidade». J. Stoecklin — (*Les Colonies et l'Émigration Allemandes*, pag. 164.)

Estas palavras, refere o auctor, que me fornece a noticia, acima citado, provocaram applausos do auditorio, porque correspondiam a uma necessidade. Esta foi explicada por van der Brügger no fasciculo de janeiro de 1883 dos *Preussische Jahrbücher*: «Nós temos um excedente annual de população que orça por 600.000 pessoas. O melhor partido que se póde tirar de nosso sólo, o arroteamento de nossos pantanos e terras incultas, o aperfeiçoamento de nossa agricultura, a melhor organização de nosso trabalho, não bastam para assegurar a alimentação a um tal excesso de gente além de algumas dezenas de annos. Será

precizo que, então, tiremos pela conquista, a preço de sangue e dinheiro, as colonias dos Estados europeus?»

Van der Brügger aconselhava a fundação de collonias allemãs.

Aquillo é que é um povo. Vejam a grandeza, a audacia dos planos, o desassombro com que fala. E ha mais uma singularidade: *alli os governos ouvem os chefes intellectuaes da nação e tomam-lhes os conselhos*.

De 1882, é o brado do economista; de 1883, o appello de van der Brügger; em 1884, Bismarck iniciava seu plano de colonias, que realizou em quatro annos.

Para elles, para esses homens que sabem o que querem, o criterio supremo da nacionalidade, o signal revelador, o expoente excelso da raça é a *lingua*, ouçam bem — é a *lingua*. Este signal é tudo. *Onde é a patria allemã?* perguntava o poeta, e elle mesmo respondia: — *E' onde se fala a lingua allemã*.

Entre nós, a linguagem é apenas um instrumento para rethoricas e parlapatices; não tem outro prestimo, e tanto não tem, e aqui chego ao ponto onde queria aportar, que nas colonias allemãs do Brazil não se *fala portuguez*.

Proh pudor! Fala-se, nellas, *allemão*. E' dizer tudo; não precisa juntar mais nada para quem comprehende a gravidade do facto.

Lê-se todo o livro de Stoecklin, esse livro do qual, diz Raoul Postel: «Puisse ce livre ouvrir les yeux aux indifferents, les prémunir en même temps contre les parti pris et les coteries!... Il doit prendre place dans toutes les bibliothèques, même dans les moindres écoles»; lê-se todo esse pequeno volume em que o auctor condensa a acção e os feitos dos allemães nas cinco partes do mundo, já como *emigrantes*, já como *fundadores de colonias*, e só se encontra, como padrão immorredoiro da ineptia brasileira, *uma excepção, uma só, a unica, em todo mundo*, de um paiz estranho onde os descendentes dos emigrantes allemães conservem o uzo completo, exclusivo de sua lingua: *é no sul do Brazil*...

Fala-se allemão na Allemanha e na Austria, na Suissa germanica, num resto das chamadas *provincias do Baltico*, na Russia, terras estas antigas de allemães e que fôram por elles perdidas.

E' natural.

Fóra dahi, onde não poderia ser por outra fórma, sendo que na Russia a slavisação das citadas *provincias balticas* váe adeantadissima com o systema energico do governo do czar, só incipientemente se váe falando allemão, só nas colonias da Africa e da Oceania, *dependencias politicas do go-*

verno do imperio. Em terras de nações soberanas, — na Asia, America e Africa, não se repete o phenomenal caso. Só no Brazil !.

Quando se acompanha o desenvolvimento do plano germanico, hoje conscientemente encaminhado, porque a Alemanha de hoje não é a Alemanha de 1825, quando começaram no Brazil as colonisações, e se nota a insistencia com que é assignalada a excepção brasileira, as lagrimas brotam espontaneas de todos que amam neste paiz a formosa peça de architectura politica—de que falava o grande Andrada.

«Os colonos allemães do Brazil meridional gozam de completa liberdade; além de raras auctoridades de justiça e policia, nenhum empregado brasileiro exerce funcções nas colonias... Si no Brazil, como nos Estados-Unidos, os colonos allemães não tem mostrado, por enquanto, fortes tendencias de se metterem na politica, ao menos no primeiro destes dois paizes. não tem, como no segundo, perdido o uzo de sua lingua materna». (J. Stocklin, *Op. cit.*, pag. 193.)

G. Blondel accrescenta : «A lingua allemã, conservada nas colonias pelas sociedades locais, pelas agencias de tres grandes associações allemãs, pelas escolas (*Realschule*, de Porto-Alegre; *Höhere Lehranstalt*, de São Leopoldo; *Waisenhaus*, de Taquary); pelos jornaes, é unicamente usada em Blumenau, Neudorf, Joinville, São Bento, Badenfort, localidades onde a proporção dos allemães varia de 80 a 90 %. Ainda mais acontece isto na região inteiramente germanizada da Serra». (*L'Essor Industriel e Commercial du Peuple Allemand*, pag. 265.)

Dest'arte, as famosas colonias allemãs no sul do Brazil nem são simples casos de emigrações, que tenha sido assimilados pelas populações circumvisinhas, como sóe acontecer entre as nações soberanas; nem são, por enquanto, colonias no antigo sentido, dependencias politicas duma metropole d'além-mar. Vão para ahi. Constituem, por agóra, um caso especial, que merece estudo.

SYLVIO ROMÉRO.

APANHADOS

Professores internacionais O norte-americauo James Speyer offerectiu a somma de 250.000 dollars para a criação de uma cadeira para o ensino da historia e das instituições americanas, na Universidade de Berlin, sob o patronato de Theodoro Roosevelt.

A esse facto se pretendeu attribuir

a significação politica de uma primeira tentativa de approximação entre a Alemanha e os Estados-Unidos; mas o seu verdadeiro intuito é expandir a influencia norte-americana pelo conhecimento exacto de sua constituição politica e economica e de suas origens.

Mais tarde, serão nomeados professores americanos para as universidades de Londres, de Paris, de S. Petersburgo, e destas capitales serão enviados professores aos Estados-Unidos.

Na Inglaterra, é muito acatada a idéa de applicar a esse fim os fundos por Cecil Rhodes destinados a estudantes colonias e americanos da Universidade de Oxford.

* *

Mulheres doutoras As doutoras em medicina vão ter um meio de applicação de sua capacidade profissional, conforme o plano geral de assistencia medica para os indigenas, organizado pelo sr. Jonnart, governador geral da Algeria.

As mulheres musulmanas morrem, muita vez, á mingua, porque, dominadas por preconceitos e superstições, não se deixam examinar e tratar pelos medicos do sexo masculino. Para atenuar as funestas consequencias dessa repugnancia á profanação do olhar de um homem, o sr. Jonnart offerece uma indemnisação annual de 2.400 a 3.600 francos ás doutoras que se estabelecerem na colonia franceza.

* *

Rainha litterata A rainha viuva de Humberto, o mallogrado rei da Italia, váe publicar um drama em que trabalha ha dois annos. A execução da real peça será confiada a uma das melhores companhias de artistas italianos.

A alta cultura da rainha Margarida e seu fino gosto para com as obras d'arte e de sciencia justificam a anciedade do mundo intellectual latino por esse trabalho.

* *

O pope Gapone *The Story of my life* é o titulo do livro que o padre Gapone, protagonista da jornada de 22 de janeiro de 1905, na Russia, — livro de occasião e magnifico successo para o editor inglez, — acaba de publicar.

Nascido em uma aldeia da Ukrania, é filho de um campones que, sem malicia e sem colera, lhe contava as iniquidades de que fôra testemunha durante a sua vida, crueldades que se reeditavam em todo o paiz. Essas narrativas, porém, fizeram brotar o germen da colera no coração do filho, tão intelligente que o destinaram á carreira ecclesiastica.

No seminario, aos quinze annos, elle leu Tolstoi; compreheudeu que a religião não consistia nas cerimoniaes, mas vinha do coração, renunciando, por isso, a dignidade de pope.

Uma rapariga que elle encontrou alguns annos mais tarde, lhe demonstrou que o melhor meio de commungar com o povo era se tornar padre: elle despozou-a e tomou ordens. Após a morte da mulher, o padre foi morar nos centros operarios de S. Petersburgo.

Ante os inuteis esforços da caridade, elle pensou que o remedio unico para a miseria dos humildes era organisal-os para a resistencia aos grandes e aos poderosos. Fundou sociedades que tiveram chefes, programmas e disciplina. A primeira foi inaugurada em 11 de abril de 1904, com 150 pessoas; ao cabo de um mez, ella contava 300 membros; em outubro, 50.000; em janeiro, 122.000. Fôram a essas reuniões promotores da greve de janeiro e foi o padre Gapone quem teve a idéa de levar em procissão a mensagem ao czar, no dia 22 de maio.

Nesse dia, depois da sangrenta repressão, da barbara carnificina feita pela força imperial e pelos cossacos, o padre, forçado pelos amigos, conseguindo evitar a perseguição da policia imperial, refugiou-se no estrangeiro.

* *

O sexto congresso internacional de anthropologia criminal Esse congresso se reunirá em Turim, a 28 de abril de 1906, e terá, do ponto de vista das sciencias biologicas, consideravel importancia. A commissão organisadora é presidida pelo sabio professor Cesare Lombroso.

Entre os assumptos offerecidos á discussão, figuram:

Tratamento dos jovens criminosos, segundo o direito penal e a disciplina penitenciaria e de accordo com os principios de anthropologia, (Van Hamel);

Tratamento das mulheres criminosas (Pauline Tarnowsey);

Relações entre as condições economicas e a criminalidade (Kurella);

Equivalencia das diversas fórmulas de psychopathias sexuaes e de criminalidade (C. Lombroso);

A anthropologia criminal na organização scientifica da policia (Otto-bengli);

O valor psychologico das testemunhas (Brusa);

Prophylaxia e therapia do crime (Ferri);

Estabelecimentos de detenção perpetua para os criminosos declarados irresponsaveis por enfermidade mental (Garofalo);

As adhesões devem ser dirigidas á secretaria do Congresso, via Michelangelo, 26, Turim.

O British Museum A Bibliotheca Nacional de Londres possui cerca de dois e meio milhões de volumes arrumados em dois milheiros de metros de prateleiras.

Antes da impressão do catalogo, até 1881, este consistia em tres mil *in-folio*. Em 1903, entraram para a Bibliotheca 27.270 volumes, sendo 21.918 adquiridos pelo British Museum. Nesse mesmo anno, se registaram 233.674 leitores, que consultaram 1.587.331 livros.

*
* *

Lições de dramathurgia Foi inaugurada na universidade de Iena a primeira cadeira de dramathurgia que existe na Allemanha, confiada ao dr. Hugo Dinger, antigo critico dramatico.

*
* *

A predição de Dvorak A musica americana são, pouco a pouco, da primeira phase de sua existencia, a phase da imitação. Seus compositores, actualmente, trabalham em themes proprios, conforme suas concepções pessoas; sendo que alguns procuram no *folk-lore* fontes de inspiração, como nas cantigas dos indios, dos negros, dos hespano-americanos, os *cow-boys*, os montanhezes do Tennessee, os leñadores do Maine, os creoulos e marinheiros e, sobretudo, nas canções das ruas.

Dvorak tinha, portanto, razão quando predisse o facto, indicou as magnificas fontes de inspiração nas melodias populares da America, inteiramente intactas, ao passo que as dos povos europeus estavam muito exploradas; e, para demonstrar o seu asserto, elle compoz uma notavel symphonia.



O seguinte artigo é da sra. Amelia de Freitas Bevilaqua, esposa do nosso eminente collaborador o prof. Clovis Bevilaqua. A illustre auctora manda-nos o seu artigo do Recife, onde reside, e em cuja imprensa collabora assiduamente, sem prejuizo dos opusculos que tem publicado sobre varios assumptos.

SUSCEPTIBILIDADES NERVOSAS

Dos males que affligem a humanidade se teria muita razão de queixas contra as terriveis superstições, a impressão e o medo, si não fôsse isso uma lei nascida do instincto humano, um phenomeno gerado mais do proprio individuo do que mesmo da educação que recebeu e do meio em que vive,—meio que pôde apenas attenuar, porém não acabar um sentimento que vem do berço como si fôsse uma hereditariedade, um dom ou, melhor, uma

verdadeira condemnação da qual a pessoa não se pôde absolutamente separar mais nunca, devendo carregal-a para toda parte até que, com o tempo, se operem, no temperamento, mudanças em todas as circumstancias e causas provocadoras desses soffrimentos, que eu penso, apesar de tudo o que se fizer, não acabarão de todo na maioria dos casos.

O sentimento do medo, como o da impressão, é natural a todos os organismos, mesmo os mais fortes e saudios. Ninguém, parece-me, pôde contestar essa verdade, principalmente quanto ao medo. O sêr irracional instinctivamente tambem se arreceia e se impressiona. Já vi um cão que só atravessava uma ponte arruinada, que corria sobre um riacho, depois que via alguém passar por ella primeiro. Em muitas creaturas, porém, esse phenomeno se desenvolve com toda a força e plenitude, actuando-lhe na imaginação com a importancia de verdadeiras allucinações, cheias de espasmos e violencias que lhes perturbam e prostram completamente todas as funções organicas, com todos os symptomas característicos de uma verdadeira molestia, estendendo-se desde o physico até o moral. Ha pessoas, ás vezes, que se impressionam tanto, num extremo terror, sómente por pensar num mal que lhes possa acontecer no futuro, uma coisa ideal que lhes suggeriu a imaginação.

Um jovem amador, enviando, uma occasião, um trabalho sena um grande artista, quando sua mão traçava o offerecimento, tremia desesperadamente, porque não sabia de que maneira o mestre receberia a sua obra. Vemos assim que a situação do medo, da impressão e mesmo da superstição nasce geralmente da obscuridade, da incerteza e da desconfiança em que se vive. O espirito, não podendo abranger os objectos á medida de seus desejos, desenvolve-se naturalmente para o lado das duvidas e das desconfianças, adoecendo, tornando-se excentrico, supersticioso e neurasthenico, recusando-se a aceitar o lado bom de tudo que se lhe apresenta, vivendo sempre alarmado, sem fé nem segurança, tornando-se victima, balançado continuamente na mais perturbadora incerteza.

A maioria das tristezas, dos pavores, superstições e neurasthenias, se deve a esse estado de penosa excitação do espirito, que se torna, de vez em quando, verdadeiros sobresaltos, desconfiando o individuo até de si proprio e, por via de regra, alcançando o periodo maniaco da perseguição. O pobre espirito que perde, por qualquer circumstancia, a calma habitual, não descança mais, vive aos sustos, abatido, vendo sempre o adeantamento

de um grande mal que lhe váe acontecer sem saber de onde elle virá. Em sua physiouomia se accentúa logo um sentimento especial de tristeza, cheia das mais extraordinarias excitações. Todos os instantes de sua vida são amargurados, experimenta angustias indiziveis, as mais cruciantes afflicções, que se transformam em anceios incoerciveis, dilacerantes anceios, dilatando e crescendo a todo instante. Quando a alma se deprime a este ponto, ninguém convence o impressionado, que pensa como o louco, bate sempre toda a vida na mesma idéa, e perde repouzo, somno, alegria, tudo. Não ha lugar onde, aportado, se sinta bem, porque tudo lhe falta, tudo é abominavel, ridiculo, muito banal de frente do tormento que o afflige. O momento de felicidade mais intensa para a creatura humana é aquelle em que ella sente o alvorecer de qualquer coisa possivel e realisavel ao encontro de suas ardentes aspirações, e, penso eu, ninguém tambem pôde fugir a esse destino de uma sensação dolorosa, na espera de um futuro que se antevê, frio, tenebroso; ninguém foge ao medo, emfim, de se perder, ou de não se possuir o que se passou a vida a sonhar e a desejar. Que terrores! Que supplicios e fremitos verdadeiros, nesses queridos corações tão cheios de ternuras, que se agitam desesperados, unicamente porque esperam uma carta, porque esperam dos labios de um medico o diagnostico a respeito de um ente que amam, e quantas vezes, até porque ouviram a ventania gemendo, ou o rugido de um trovão respondendo ao longinquo bramido de outro que se perden no infinito saudoso e melancolico como a nostalgia do que sente o medo pelo amigo ou irmão que viaja distante!

Não é menos penoso o medo burlesco, que se torna, aos olhos dos saudios, tão ridiculo quanto piégas. Esses pequenas nadas, para os doentes, tomam apparencias gigantescas e terriveis... E' realmente muito mortificante esse cruel periodo de um viver indefinivel, que estrebucha ancioso, como si estivesse na hora suprema, a triste vasca estertorante de uma agonia de morte, onde a cada passo o individuo tenta agarrar, a esmo, miragens de toda especie que surgem do espaço e se vestem de fórmulas e côres diferentes como o grande nevoeiro do céu.

Ninguém poderá dizer que esse mal estar foi talhado sómente para os fracos, porque, como um grande, de força superior, elle sobe e desce todos os degraus, tem o mesmo proceder cathgorico e systematico peculiar ás epidemias, que não vacillam absolutamente na soleira de nenhuma porta á espera de permissão para entrar. A

proposito disso, sempre me recorde de uma noite, em tempos que lá se vão (eu era criança ainda), quando assisti, sem pensar, a um dos mais comicos e engraçados espectaculos, uma coisa magnifica para um entremez de comedia de theatro humoristico. Estavamos fazendo sala a uma visita, um cidadão consideravel por seus titulos, talento e erudição. Seu todo correcto e elegante dava-lhe ao rosto grave e sizudo de homem acostumado aos grandes círculos, a *sympathia* captivante que se combinava com a civilidade de suas maneiras distinctissimas, parecendo inteiramente impossivel que um personagem dessa estôfa procedesse como si fôsse ainda algum collegial de calças curtas.

Um ratinho, desses chamados caticas, passou affoitamente pela sala, muito macio e cheio de precauções; mas, desastrosamente avisinhonou-se do visitante, o qual, tão depressa o avistou, se apoderou de um medo pavoroso; seu assombro tornou-se tão grande e a feição do seu semblante demudou de tal fórma, que, sinceramente, nos julgámos defronte de algum alienado. Todos, para acalmal-o, se puzeram a batalhar com o innocente animal, que se refugiou, apesar de muito atarantado, no primeiro buraco que encontrou na parede; mas o homem com a vista espantada, trepado em cima do sophá, alarmado, suando frio, com os labios descorados e tremulos, chegaria a pular para a meza, si não visse finalmente o rato ser morto alli mesmo.

De outra vez, tambem assisti a scena quasi identica, a respeito de um cão que dormia placidamente enrolado na cudeira, um pobre animal manso, inoffensivo, um desgraçado *Terra-Nova*, que nunca fôra rneiro, que vivia rasteiramente a ressonnar, indifferente a tudo que se passava no mundo; porém um philosopho notavel, que ali estava, assim que o via levantar manhosamente a pobre cabeça, para bocejar e espreguiçar o corpo mais commodamente, procurava logo protecção, como si receiasse ser agarrado e comido pelo misero que o olhava, de longe, como um soberano que sempre preferisse não se incommodar por qualquer coisa.

De Pascal tambem, o apreciavel e antigo philosopho francez, contam que o terror era um supplicio constante, porque lhe parecia que o chão se abria a cada passo e elle caíria dentro de um horroroso precipicio.

Shopenhaeuer, com o seu admiravel saber, philosophia e talento genial, segundo a sua biographia explica, tambem pertence á classe dos assombados; seu somno era desassocegado, e, á noite, não se deitava sem verificar muitas vezes si as portas estavam bem fechadas; ao menor ruido, seu

espirito estava sobresaltado, em alarma. Nelle, todavia, esse medo parece-me natural, porque, detestando a humanidade, devia tambem temel-a.

O supersticioso segue a mesma estrada dos pavores. A passagem de uma borboleta, o passaro que esvoaça, a vassoura, a flôr, o sonho, tudo tem uma significação fetichista do aviso sobrenatural, prenuncio, emfim, de acontecimentos fataes.

Que afflicções não sente o impressionado! Seus negocios correm todos os perigos, seu dinheiro é contado mil vezes, mas sempre lhe parece que o não contou direito. Tristissimas e longas noites de insomnia que elle passa! Por vezes, é o coração que lhe bate no seio, váe morrer, as queridas horas de sua vida estão contadas, e ninguem lhe tira da cabeça essa idéa atróz que não lhe deixa repouzo. Depois descamba para outro terreno; o diagnostico do seu pensamento estava errado; vemol-o tuberculoso, listrões de sangue muito rubro apparecem dançando-lhe por todos os lados, ancias, tosses e cançasso sobrevéem com ameaças de vomitos, displicencias e fraquezas, que o prostram e o anniquillam.

Sei de um pharmaceutico que se convenceu, durante muito tempo, de que estava morphetico, sem ter symptomas de especie alguma desse mal de S. Lazaro, e, aterrorizado por si proprio e pelos seus, passou uma vida de reclusão completa, escondido, receiando transmittir aos outros a molestia imaginaria que elle sentia com a evidencia vibrante de uma verdade.

Nessas condições, conheci ainda uma impressionada, que se julgava louca e queria por força que a enviassem para um hospicio, chegando finalmente um dia a se convencer de que o accidente que a sobresaltára não passava de impressão doentia.

* *

Além dos soffrimentos de que falei acima, verdadeiros tormentos com que a natureza brindou a humanidade, vejo que ninguem atravessa a vida sem o flagello perpetuo de centenas de molestias... Todos caminham pela mesma *Via Dolorosa* dos soffrimentos, uns atraz dos outros, aos bandos, correndo em desfiladas a representar o papel que o destino lhes decretou. Não se passa um dia sem que se aviste a romaria de doentes que percorrem as ruas peregrinando em bandos piedosos formando prestitos como verdadeiras procissões. De um lado surge um desventurado rheumatico sem distinguir sequer a base de seus males, que erram pela corpo muito vagos. indistinctos como os dias que se entenebreceem cheios de cerrações ameaçadoras e nuvens que se carregam sem chover...

Depois sarnentos a se coçar, arrancando carne e sangue, se incorporam com o erysipelatoso, que manqueija aprumando-se cuidadoso para firmar a perna e não perder a esbelteza. Tambem apparecem os dartosos, frieirentos, tuberculosos, arthriticos, leprosos, todo oimmenso e admiravel batalhão de predestinados soffredores... Quasi todo esse adorado e precioso mundo de sêres vivos que se arrastam por esse formosissimo planeta da Terra, teem um quer que seja de insalubridade; felizmente todos vivem com o seu mal escondido guardando-o, ás vezes, até alegres; outros indifferentes e felizes caminham todo o resto da existencia tropeçando e flanando pelas ruas. Todos doentes, porém, correndo sempre uns dos outros, cada qual se resguardando mais e se julgando mais sadio e de sangue mais purificado.

AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA.

PAGINAS ESQUECIDAS

EPICURISTA INOFFENSIVO

Sacrificar a sorte aos vãos caprichos,
A fortuna, a saúde, a paz, a vida,
A troco de ganhar na humana lida
De homem de grande tom sonora fama;
Póde ser o melhor, mas para mim,
Digo-o aqui baixinho,
Não quero a gloria assim.

*

A mais solida gloria a considero
Em que o 'spirito meu tenha descanso;
Que, qual dum rio o placido remanso,
Quasi sem eu sentir meus dias corram;
Té que afinal á sepultura desça
Sem ter tido nunca
Uma dôr de cabeça!

*

Ao almoço, ao jantar, e mesmo á ceia
Unido ao paladar o pensamento
Não deve perturbar-me um só momento
O prazer que então gozam meus sentidos:
Unico sentimento alli me seja,
Contínua saudade
Do que ainda sobeja!

*

Deitando-me a dormir em molle cama
Nas mais compridas noites de janeiro
Commigo se ha de achar sonho primeiro
Já depois de nascido o sol seguinte;
Quero então acordar, quero estirar-me
E a bocca abrir languida!
Quero depois coçar-me!

*

Se neste ensejo á porta do meu quarto
Batendo de mansinho o meu criado
Vier dizer: — « Senhor, se deputado
Quer ser ás côrtes, anda o regedor
A passar os bilhetes, e é maré »;
Respondo: — « São horas,
Venha leite e café. »

Se para o ministerio me apontasse
Enganada a opinião por incidente,
Daria logo parte de doente
Até ser o logar por outro cheio ;
Vale mais receber que dar despachos,
E ter carregados
Que carregár os machos !

*

Ir commandar a tropa nem por sombra,
Setembrista, carlista, ou miguelista ;
Esta nação de farda e sobrevista
Se catanadas dá, tambem as leva !
Nada de guerras, nada de batalhas,
Eu não quero gloria
Colhida entre mortalhas !

*

Diplomatico ensaio inda sóffrera
Se mistér lhe não fôra mentir tanto,
Soltar, querendo rir, amargo pranto,
E querendo chorar, rir então muito ;
Passar vigílias mil, estudar manhas,
Mostrar bocca aberta
Para engulir patranhas !

*

Aos Cyros que aproveita, e aos Alexandres,
Cesares, Fredericos, Bonapartes,
E a mil outros famosos noutras artes,
A poder de trabalhos e perigos
Essa coisa ganharem dita gloria ?
Mais doce é a vida
Na cama que na historia !

*

Sem gabar-me direi : tenho comido
E bebido tambem soffrivelmente ;
Em mangas tomo a fresca em tempo quente,
Assento-me ao fogão quando faz frio ;
No mundo estou qual paio no fumeiro,
Ninguem lhe faz venia
Nem lhe pede dinheiro !

CONDE D'AZEVEDO.

|—

Desse conde d'Azevedo, que floresceu, em Portugal, pelos meados do seculo passado, escreveu Camillo Castello Branco :

« Tinha a singularidade phenomenal de ser sabio e rico. Seria inverosimil neste paiz o conde d'Azevedo, se se dissesse que elle publicou livros seus para os vender. E, ainda mais, a liga do ouro e da sciencia é já de sobra para que o erudito fidalgo fique na memoria de homens como um ente exceptuado que desgarrou da contextura dos costumes nacionaes.

Foi coronel de milicias, foi deputado, foi governador civil, foi conde, tinha no seu brazão a aguia da varonia d'Azevedos, contava avós até á fundação da monarchia lusitana, e dahi para cima, desde d. Arnaldo de Baião, tudo nos persuade que os poderia encontrar até surprender o Creador a fabricar o primeiro dos seus avós. Desdenhava prosapias, e gloriava-se todavia particularmente de seu setimo avô, Martim Lopes d'Azevedo, o patriota preso, proscripto e empobrecido porque se bandeára contra Castella na hoste de d. Antonio, prior do Crato.

Era um homem de bem. Para lhe chamarem nas gazetas facinora, caipira, besta e ladrão, foi necessario que governasse o districto de Braga em 1845. Desde que esquivou na poltrona da sua bibliotheca o osso sacro aos pontapés da politica, volveu a ser, por commum assentimento de todos os partidos, um espirito recto, muito esclarecido, e digno de exercer os cargos superiores do Estado.

Era catholico estreme. Conhecia os santos padres. Ouvia missa, abstinha-se de vacca á sexta-feira, seguia os sacramentos, expunha as suas crenças na Associação Catholica, na livraria Moré, em sua casa, sem rubor de sua fé nem receio dos racionalistas. *Non erubescio*, dizia elle com o Apostolo. Escreveu vigorosos opusculos de polemica religiosa, e prefaciou um livro meu — A DIVINDADE DE JESUS—com muita habilidade e theologia.

Fazia versos. Traduzia aos vinte annos, e publicou aos sessenta, no prélo de sua casa, as BUCOLICAS de Virgilio. Escreveu a tragedia ATHREO E THIESTES, fez odes e sonetos, epigrammas e idyllios. De tudo isto colligiu um volume que imprimiu em setenta exemplares e repartiu por setenta amigos. Um destes setenta vendeu o livro. O conde, tendo noticia dessa veniaga, concluiu que os seus amigos eram só 69. Depois, soube que se vendera num alfarrabista de Lisboa um volume das suas DISTRACÇÕES METRICAS. Indagou com o fim de reduzir os seus amigos a sessenta e oito, quando soube que o exemplar havia apparecido no espolio do fallecido, e, por isso, irresponsavel Torres e Almeida.

* *

FERNÃO LOPES

Escassas são as noticias que chegaram até nós acerca de Fernão Lopes. A epocha do seu nascimento ignora-se ; mas parece que devia ser da gloriosa revolução de 1380, ou alguns annos antes. O abbade Barbosa e outros dizem que fôra secretario d'el-rei d. Duarte, quando infante, e de seu irmão d. Fernando, e cavalleiro da casa do infante d. Henrique. Em 1418 foi encarregado por d. João I da guarda do real archivo, cargo que até então andava unido a um emprego da fazenda publica.

Por trinta e seis annos serviu Fernão Lopes de guarda dos archivos, e de todo este tempo existem varias certidões, passadas por elle, *das escripturas da torre do castello da cidade de Lisboa*. Depois de tão largo periodo foi substituido por Gomes Eannes de Azurara, que d. Affonso V nomeou em logar de Fernão Lopes, *por este ser já tão velho e flaco, que per sy nom podia bem servir o dicto officio*, dando a ontrem *por seu prazimento e por fazer a elle mercê, como é rezom de se dar aos boos servidores*, segundo diz a carta de nomeação de Azurara. A epocha da morte do chronista ignora-se absolu-

tamente ; mas sabe-se que ainda vivia em 1459, cinco annos depois de ter sido exonerado do cargo de guarda do archivo.

Quando d. Duarte subiu ao throno (1434), deu *carrego a Fernão Lopes, seu escriptvam, de poer em caronyca as estorias dos Reys, que antygamente em Portugal foram ; e esso mesmo os grandes feytos e altos do muy virtuoso e de grandes vertudes El-Rey seu senhor e padre* (d. João I), dando-lhe por isto quatorze mil libras cada anno, mercê que foi confirmada em nome do moço principe, por influencia do infante d. Pedro, tão sabio quanto infeliz, pae e protector das letras.

Foi, com effeito, Fernão Lopes, o primeiro que poz em *caronyca*, isto é, em ordem, as *estorias* da primeira dynastia dos reis portuguezes, e fez a bella Chronica de d. João I. Até ali havia apenas algumas memorias espalhadas, alguns breves compendios dos successos publicos. Neste numero deve entrar um manuscrito que existia em Santa Cruz de Coimbra, feito, segundo parece, nos fins do seculo XIV, em que mui de leve se mencionam os acontecimentos mais notaveis dos tres primeiros reinados, e delle talvez se houvessem de contar as antigas chronicas, que Duarte Nunes reformou ou estragou, e que muito desconfiarmos sejam as mesmas que *colligiu* Acenheiro no principio do seculo XVI, e que serviram de fundamento a Ruy de Pina e Galvão : sobre tudo o que pezam ainda muitas sombras, ao menos para nós, parecendo-nos, todavia, indubitavel que alguma coisa havia escripta antes de Fernão Lopes; porque alguma coisa eram essas *historias* dos antigos reis, mencionadas na carta de nomeação de Fernão Lopes, e que nesse documento se distinguem claramente dos *feitos* de d. João I.

De quanto Fernão Lopes escreveu, o que hoje existe conhecido e impresso é a Chronica de d. Pedro I, a de d. Fernando e a de d. João I. Comtudo, por averiguado se tem que elle escrevera as dos outros reis anteriores, e até Damião de Goes lhe attribue uma de d. Duarte. Seja o que for, é certo que para a gloria de Fernão Lopes são monumentos sobejos as tres chronicas que delle existem.

O nosso celebre critico Francisco Dias, o homem, talvez, de mais apurado engenho que Portugal tem tido para avaliar os meritos de escriptores, diz que Fernão Lopes fôra o primeiro, na moderna Europa, que dignamente escrevera a historia ; com razão o diz, e poderia accrescentar que poucos homens teem nascido historiadores como Fernão Lopes. Se em tempos mais modernos e mais civilizados houvera vivido e escripto, não teriamos por certo que invejar ás outras nações ne-

nhuns dos seus historiadores. Além do primor com que trabalhou sempre por apurar os successos politicos, Lopes adivinhou os principios da moderna historia: a *vida* dos tempos de que descreveu transmittiu-a á posteridade, e não, como outros fizeram, sómente um esqueleto de successos politicos e de nomes celebres. Nas chronicas de Fernão Lopes não ha só historia: ha poesia e drama; ha a idade-média com sua fé, seu enthusiasmo, seu amor de gloria. Nisto se parece com o quasi contemporaneo chronista francez Froissart; mas em todos esses dotes lhe leva conhecida vantagem. Com isto, e com chamar a Fernão Lopes o Homero da grande epopéa das glorias portuguezas, teremos feito a tão illustre varão o mais cabal elogio.

ALEXANDRE HERCULANO.

Fragmentos de estudos da historia
da Assembléa Constituinte
do Brazil

XI

A Constituinte, logo que concluiu a discussão do voto de graças, passou a tratar de outras materias, submettidas a deliberação. O deputado Alencar, de prompto, reclamou solução da proposta que havia apresentado na sessão de 5 de maio, concernente ao coronel Pedro José da Costa Barros, deputado eleito pela provincia do Ceará. Envolvido injustamente num processo, Costa Barros, encarcerado, não podia exercer o mandato legislativo que os seus conterraneos lhe haviam confiado. Fôra preso em consequencia da devassa geral que o ministro do Imperio, José Bonifacio, mandou, por portaria de 30 de outubro, proceder duma a outra extremidade do Brazil. Parece incrível que, sob o ministerio do instituidor da liberdade, perdurasse com mais violencia as praticas do antigo regimen despotico. E' porém, um facto comprovado por documentos officiaes, que não pôdem soffrer contestação.

Aquelles que ouviram os contemporaneos, sobreviventes da geração immediata, deslumbrados pela nomeada do patriarcha, custavam a acreditar que o ministerio de 16 de janeiro de 1822 praticasse a série de desatinos e violencias, de devassas e prisões, até cruezas do governo absoluto e irresponsavel. Não ha, porém, negallos; são todos factos veridicos, referidos pela tradição e confirmados por documentos authenticos.

Nos archivos e nas collecções dos actos do governo existem as portarias, numerosas, á maneira do trucu-

lento conselheiro de el-rei d. José I, expeditas pelo instituidor do governo da liberdade constitucional no nascente imperio americano... Daremos amostras do estylo e da vontade prepotente e cruel, que se reflectem em taes documentos. A portaria, que, entre muitos outros brazileiros e portuguezes, apanhou na rede da devassa o coronel deputado Costa Barros, é do theor seguinte: «Sendo um dever sagrado vigiar sizudamente todos os malvados, que imaginam para fins sinistros e criminosos contra a segurança publica: Manda s. a. r. o principe regente, pela secretaria de Estado nos negocios do reino, que o intendente geral da policia: 1º—escolha e augmente o numero das pessoas que devem espiar todas as maquinações referidas, a quem se dará gratificações do costume, segundo o seu prestimo e serviço; 2º— que sendo os actuaes juizes do crime poucos em numero e sobrecarregados de outras obrigações e encargos e alguns delles frouxos e pouco zelosos, e cumprindo que a policia tenha ministros activos, habeis e corajosos, a quem se possa encarregar diligencias de ponderação e segredo: Ha s. alteza real por bem approvar a proposta que o mesmo intendente acaba de fazer do bacharel João Gomes de Campos e do desembargador Francisco da França Miranda para servirem interinamente de ajudantes do mesmo intendente geral da policia, em quanto s. alteza real não houver de tomar a este respeito ulterior solução; 3º— que o referido intendente geral, por si e pelos ditos ajudantes e com tropa de policia, passem a verificar os ajuntamentos de pessoas suspeitas e perturbadoras do socego e segurança publica, que já lhe fôram communicadas por esta secretaria de Estado; e achando ser verdadeiros e criminosos os taes ajuntamentos, mande cercar as casas aonde se fizerem taes clubs por força armada, prender todas as pessoas que nellas fôrem encontradas e fazer apprehensão em todos os papeis e correspondencias que fôrem achadas em suas casas e que pela sua natureza fôrem suspeitas, para tudo ser examinado por uma commissão, que para esse effeito, se haja de nomear;—4º, finalmente, que no dia 18 do corrente, em que se fizerem as eleições, o mesmo intendente geral mande para o local em que ellas se hão de fazer, espias seguros, para lhe darem parte immediatamente de tudo o que alli se possa praticar, contrario ao fim unico das ditas eleições e contrario á tranquillidade publica; e para que o dito intendente geral possa logo occorrer a qualquer desordem que possa suc-

ceder, se postará com seus officiaes e tropa necessaria nas immedições do logar das referidas eleições como lhe parecer mais adequado. O que tudo cumprirá debaixo de sua maior responsabilidade. Palacio do Rio de Janeiro, 10 de abril de 1822.—*José Bonifacio de Andrada e Silva.*»

Eis ahi uma revelação da alma, que não se diria ser a santa, pura e bondosa do nosso venerando patriarcha, porém dum Delcarreto, implacavel esbirro do rei das Duas Sicilias — coração nutrido de rancor, de perversidade e torpezas...

Um espirito, atarefado de minucias policiaes, não é capaz de elevar-se ás altas regiões intellectuaes dos grandiosos problemas sociaes e politicos, cuja solução o paiz reclamava no momento da Independencia. Em verdade, não se pôde indicar um acto de José Bonifacio, que revele o genio creador de previdente estadista. Elle rebolcou-se no lodo dessas miserias policiaes...

Aquella portaria é, certamente, um *documento humano*, segundo a theoria da escola realista. Neste documento abundam os *signaes*, de que tanto fala o notavel critico e historiador Taine. Poderiamos, de analyse em analyse, estudar a psychologia do homem, tal qual foi. Os leitores perspicazes não precisam que os guieemos nesse estudo; fazem-no facilmente.

A doutrina da portaria é a elaboração do emperro e do zelo dum fanatico. Os erros e o desalinho da redacção da propria mão do ministro manifestam claramente que nem siquer a reflexão mediu as expressões. Vê-se que os brazileiros, que labutavam com dedicação pela Independencia e queriam gozar da liberdade civil e politica, viviam duramente opprimidos sob tão detestavel jugo policial.

Est'outra portaria comprova como procedia um ministro realmente despotico: «Teudo sua alteza real encarregado de fazer executar o decreto de dezoito do mez passado, é do meu dever transmittir a v. s. todas estas partes e denuncias que acabo de receber e ao mesmo tempo communicar-lhe que por muitas outras indagações e noticias, estou capacitado que ha tramas infernaes, que se urdem não só contra a causa do Brazil, mas contra a preciosa vida de s. alteza real, contra a minha e contra todos os honrados cidadãos amigos da nossa causa. E' preciso, pois, que v. s. mostre presentemente toda sua energia e actividade em conhecer os perversos, descobrir os tramas até sua raiz e ver tudo com os seus proprios olhos, não confiando diligencias importantes e delicadas a juizes de crime sem cabeça e sem energia; cumpre tambem

que até o dia 12 v. s. deixe de estar em Catumbé e venha morar no meio desta cidade, para com mais energia e promptidão dar todas as providencias necessarias para descobrir os perversos e esmagar os seus conluios. *Quando a patria está ameaçada por traidores solapados, não valem as chicanas forenses e só deve reinar a lei marcial.* Cumpre finalmente que v. s., reservando para outra occasião os dinheiros da policia, destinados para objectos menos importantes, os empregue na conservação de bons agentes e vigias. D. G. a v. s. Paço em 2 de outubro de 1822. — *José Bonifacio de Andrada e Silva.*»

Eis o proprio José Bonifacio, nesta portaria, denunciando que se tentava contra sua vida; que, portanto, a sua pessoa não era amada e os seus actos eram adiados e não accetos. Todavia, ha muita gente credula, que pensa que o patriarcha exercia influencia absoluta, benefica e dominadora. Nota-se que, no seio da Constituinte, elle passa como uma sombra; não tem acção sobre coisa alguma, nem illumina os representantes do povo.

Em 30 de outubro, o ministro, que tão phrenetico zelo ostenta na perseguição daquelles que elle suspeita perversos, expede a portaria para abrir-se devassa geral desde o Rio até ás provincias remotas! Nesta extensa rede fôram apanhados o coronel Costa Barros, o brigadeiro Alves Branco Moniz Barreto, João Fernandes Lopes e o jornalista João Francisco Lisboa. Entre elles (*incredibile dictu!*) José Clemente Pereira, dr. Gonçalves Léo, brigadeiro Luiz da Nobrega de Souza Coutinho e o conego Januario da Cunha Barbosa—o futuro fundador do Instituto Historico.

O dr. Gonçalves Léo, José Clemente o conego Januario, Nobrega e Rocha fôram os mais estrenuos promotores da cruzada da Independencia, muito antes de José Bonifacio pensar nella, e, quando, pelos outeirinhos da villa de Santos, devaneava, compondo odes saphicas e anacreonticas, no rançoso gosto da antiga Arcadia. A sua intervenção na lucta da Independencia data da assignatura da representação ao principe regente.

Os jornaes do tempo accusam de má fé, apontam os embustes e tramas, com que o ministro procedeu, mandando encarcerar, nas fortalezas da Lage e Ilha das Cobras, cerca de 400 cidadãos, que não applaudiam, mas criticavam sua despotica e inepta politica e administração. Esta perseguição geral e barbara foi denominada pelos contemporaneos—*Bonifacia*. O jornalista Evaristo, que conheceu e conviveu com quasi todos os personagens que figuraram no primeiro reinado e travou controversias, na imprensa,

com Antonio Carlos, fala da perseguição—*Bonifacia*. Feijó, que foi ministro e depois regente, commemora as cruizas do ministerio do patriarcha. (1) Na propria Constituinte são frequentes as allusões (2) aos numerosos brazileiros victimados aos carceres e deportações pelas portarias, das quaes já reproduzimos algumas.

Em pleno parlamento José Clemente narrou circumstancias incriveis do primeiro ministerio, que ostentava hypocrisias, apostolando o regimen constitucional, preconizando os direitos do homem, as garantias da liberdade individual, a independencia da consciencia do cidadão. (3)

Quem ler, com attenção e criterio, os debates da Constituinte, reconhecerá que o ministerio de 16 de janeiro marca o periodo do terror *andrandino*, como houve, durante a Convenção, o *terreur rouge*, ou robespierrino, e, na Restauração, o *terror branco*.

Não é possivel que os leitores intelligentes não investiguem porque surgiram na Constituinte de 1823, logo na sessão de 5 e de 6 de maio, a proposta no padre Alencar a respeito da prisão do deputado Costa Barros; o projecto de amnistia; outro, de perdão; ainda um terceiro, sobre liberdade de imprensa para resguardar os escriptores de serem victimados, encarcerados e deportados, como fôram May, redactor da *Malagueta*, o qual ficou espancado, ferido e moribundo; João Soares Lisboa, portuguez, e outros, brazileiros, que fôram prezos, ou deportados. Surprehende a permanencia das devassas por portarias, que eram uzadas pela ferocidade do afamado marquez de Pombal, instrumento agóra brandido pela mão paternal do *instituidor* do regimen de liberdade constitucional!

Ora taes propostas e projectos denunciavam pavorosa crise, em que se esbatia e agonizava o paiz sob a administração de José Bonifacio, que a *lenda* encarece como o promotor da felicidade publica. As inducções historicas, reproduzindo a realidade dos factos, demonstram que devéras foi um periodo, em que o despotismo tradicional se exerceu com rigor e frequencia mais do que no tempo de capitães e generaes.

Nos debates da Constituinte nota-se uma pressão moral, um vago e torturante medo de tocar em certos assumptos. Quasi todos os deputados affirmam haver profundas desconfianças, e o padre Dias, deputado mineiro, por muito irrequieto, exclamou—acabemos com essas desconfianças; se ja uma só a vóz do governo, da nação e da Assembléa. (4).

Eis ahi o estudo a que o ministerio de José Bonifacio, depois de 16 mezes de administração, reduziu a nação

brazileira, a qual em sua lealdade acreditava ter feito a Independencia para viver livre das devassas do regimen de *bel-prazer* ou da truelencia de um perverso desposta, como o marquez de Pombal. Infelizmente a nação caíu em mãos carinhosas e paternaes.

Ora, no regimen patriarchal, o poder é absoluto, soberano e irresistivel.

Si fosse indispensavel comprovar, com documento authenticico e irrecusavel, ser tal o estado da sociedade brazileira, sob o gabinete de 16 de janeiro de 1822 a julho de 1823, bastaria o discurso decorado, que, com irritação e azedume, José Bonifacio balbuciou na sessão de 6 de maio, discurso que já reproduzimos nas columnas destes primorosos *Annaes*.

Naquella extravagante arenga, formada meditadamente no silencio do gabinete, o ministro só lobrica—demagogos, anarchistas, mentecaptos, que andam como em mercados publicapregoando e vendendo liberdades... Allude aos constitucionaes do rei Fernando VII, de Hespanha, etc., etc. Ora, tudo isso lhe inspirava odio, merecia condemnação, e elle resolveu punir tudo isso atrózmemente. Sendo esta a maneira de pensar do conselheiro de d. Pedro e de julgar os factos, como está expressamente declarada na portaria, a punição é, portanto, consequencia necessaria daquelle pensamento e foi auctorizada pela portaria de 30 de outubro de 1822—genesis da perseguição denominada — *Bonifacia*.

Todas estas portarias provam o rançor, que o potentado votava aos liberaes e aos republicanos, que detestava como demagogos, perversos, carbonarios..

Que ministro dotado de simples senso commum, escreveria, hoje, documento daquelle theor? A nós, das gerações que succederam ás da Independencia, nunca passaria pela mente que tal houvesse sido o goveruo daquelle que nos disseram ter iniciado o povo brazileiro no regimen da liberdade por meio de devassas, da *lei marcial* (phrase da citada portaria), pelo emprego dos instrumentos da tyrannia tradicional, que o povo detestava e de que anhelava eximir-se. Bem considerados os actos, em vez de suppor-se—o instituidor do regimen constitucional, o patriarcha foi verdadeiramente o restaurador das atrocidades do absolutismo, que o reinado do bonachão e misericordioso d. João VI havia posto em desuzo. O absolutismo reviveu e constituiu o principio e a fórma do periodo ministerial de 1822 a 23.

Era bem natural. Ha muitas illusões ainda hoje a seu respeito. Inventavam que era um politico, um consummado estadista, o que nunca foi nem podia ser. A politica é uma sci-

encia theorica e pratica muito ardua, e o governo dum povo, assevera Guizot, é o mais difficil emprego das faculdades da intelligeçcia e vontade humana. Em que escola o sabio mineralogista entrou e aprendeu a sciencia do governo? Na do marquez de Pombal, na do general Beresford e do façanhudo intendente Manique, no tempo em que José Bonifacio poderia preparar-se. Chamado pelos acontecimentos o governar sem ter nem sciencia nem idéal (a não ser a reminiscencia do *archonte-rei*), fez das fraquezas forças e poz em pratica, empeiorando, tudo que viu em Portugal, onde passou quasi a sua existencia.

As gerações novas, depois da Independencia, fôram educadas na veneração com que a *lenda* cercou o patriarcha, envolvendo-o num véo de luz, de amor, de justiça e liberdade. Nenhum de nós conheciamos delle sinão as virtudes do character e o decantado patriotismo. Crer em seu liberalismo era como que um dever da categoria imperativa do philosopho celebre de Koenigsberg (5). Esse dever dominou a credulidade da nossa consciencia. Eu, por mim, confesso, fui um dos crentes; repelliria, outr'ora, a mais leve idéa que me offendesse a supremacia moral, intellectual e politica do varão eminente, que me parecia aureolado com o luzeiro de gloria que merece o fundador da liberdade dum povo. Eu não havia por mim mesmo, esmerilhado *papeis velhos*, documentos; era echo do que ouvia; tinha a fé cega do carvoeiro inconsciente. Ouvi os velhos contemporaneos do patriarcha; uns, maldizentes; não lhes quiz dar credito. Escutei os admiradores fanaticos; si não comparti do entusiasmo, guardei-lhes as opiniões louvaminheiras. A *lenda* tornou-se, nesse assumpto, toda a minha sciencia historica. Persuado-me de que tem sido a de todas as gerações successivas ás da Independencia. A prova temol-a no concerto de hymnos de saudades glorificadoras, com as quaes rememoram o nome do patriarcha.

E quando algum historiador illustrado e distincto escriptor apresenta a Constituinte *perante a Historia*, se compraz em honorifica-la para encomiar os Andradas. Quando outro discute em conferencia da Gloria, — quaes os patriarchas da Independencia, de certo, não quiz destruir a *lenda*.

Quando, porém, certo espirito curioso, perspicaz e severo e independente contesta e nega o patriarchado, provavelmente tambem não deu cabo da *lenda* mas, sem duvida, convenceu a todos que amam pensar e guiar-se pela scintillação do raciocinio, da prova

evidente de documentos incontestaveis de testemunhos insuspeitos e veridicos, (6) a despeito das coleras dos idolatras.

O veneravel patriarcha, estudado nos proprios documentos deixados por elle, como as portarias, decretos, rachiticos e raros discursos, proferidos na Assembléa Constituinte, nos actos inconsiderados e palavras estolidas, em vez de encher os animos de admiração e respeito, inspira iuvencivel tristeza.

A posteridade, que já chegou para elle e que não escuta o longinquo rumor dos que tanto o elogiaram e engrandeceram, sem attenderem que os actos, pensamentos e contradicções o amesquinham e tiram-lhe a possibilidade de qualquer justificação, o julgará com justa e maxima severidade.

De feito, á vista desta série de detestaveis portarias, de perennes devassas geraes, de innumeras prisões arbitrarías, dum regimen policial permanente, suspeito e aterrorizante; da insensata obstinação de descobrir, por toda parte, tramas e conspirações de perversos, de inimigos da causa nacional, de carbonarios e de republicanos — que os espiritos reflectidos, á luz do bom senso, poderão pensar dum homem guindado ás cumiadas da admiração e apregoado como o iniciador do povo brasileiro no credo das liberdades modernas? Si este homem era a perfeita encarnação da alma nacional, como é que se acha em lucta com a mesma e se vê na necessidade de combatel-a? Ora, si a nação se lhe oppõe, evidentemente elle não a representa, nem é a personificação dos sentimentos e aspirações della.

Quando se examinam a substancia e os motivos de taes portarias, duvida-se da moralidade do seu auctor. Numa, por exemplo, dirigida ao capitão mór de Itú, aconselha e exige a espionagem traiçoeira e infame, como o salteador, assassino, que, nas trevas, espregia a victima desnudosa. Noutra, recommenda e manda praticar as uzanças da Inquisição. Finalmente, não lhe escapam as conversações intimas, inviolaveis, do lar domestico e muito menos tolera que algum cidadão uze do direito constitucional de ter o *desafôro* de falar dos ministros de sua magestade!! Era essa mesma a intolerancia do terrivel e despotico marquez de Pombal. O ministro de el-rei d. José, o verdugo sangrento dos Tavoras, era o executor do governo absoluto duma nação (embóra heroica) habituada, havia longos seculos, á subserviencia que impunha a realza absoluta.

José Bonifacio, porém, pretendia ser o *instituidor* do systema constitucional representativo — no qual são essenciaes a responsabilidade, a divi-

são dos poderes, a independencia do pensamento, a inviolabilidade da consciencia e todos os direitos, que os povos livres mantêm e defendem: é certamente um regimen que assenta sobre a opinião.

Ora, a opinião manifesta-se pela independencia do pensamento, mas o ministro de d. Pedro não tolera tal manifestação; manda a policia suffocal-a. Patenteia-se pela critica, que é uma resultante da liberdade da consciencia; o patriarcha a supprime, castigando-a como um *desafôro* criminoso... A opinião é, no seu conceito, um acto de carbonarismo, de perversidade de republicanos, que cumpre ser tratado com a applicação da *lei marcial* (7).

Um homem que pensa de tal guiza pôde ser o ministro dos mussulmanos; evidentemente, é impossivel ser o iniciador dum povo no systema constitucional representativo, que é a encarnação da liberdade civil e politica, que abrange e contém todos aquelles direitos, annullados pelas portarias e por outros actos do gabinete de 16 de janeiro de 1822 até 17 de julho de 1823.

As gerações actuaes, que não suportariam um governo de policia inquisitorial e oppressora, deante desse horrido e vil espectaculo da epocha da Independencia, indubitavelmente deploram os soffrimentos dos contemporaneos da Assembléa Constituinte e involuntariamente hão de pensar que aquellas gerações passadas podiam exclamar com o severo e insigne historiador: *dedimus profecto grande patientiæ documentum* (8).

A historia não estaca, assim, na immobilidade eterna do Pão de Assucar; é um labor variavel, continuo, que se renova, se refôrma, progride e nunca pára. Nella como que actúa e se desenvolve o poder da resurreição (9). Cada seculo passa, demolindo a obra do precedente, reconstruindo-a e aperfeiçoando-a com os mesmos materiaes, corrigindo imperfeições, defeitos e erros do plano anterior. Só ha de novo a mão do obreiro; só se deve notar a concepção de outro idéal, que se reflecte nos factos e se illumina pelo criterio duma philosophia que descrimina, apura, classifica e melhor explica os phenomenos sociaes e politicos e as transformações da vida dos povos.

Seria uma tollice crer que as gerações vindouras hão de acceitar, de fé implicita, tudo que se nos tem contado no tocante á fundação do Imperio e á proclamação da independencia do Brazil e dos grandes personagens que honram e illustram aquella phase da nossa historia.

Pelo contrario, hão de instituir minucioso inquerito; compararão as palavras e actos com as idéas, com os

sentimentos e aspirações do momento, exigirão que cada personagem mostre que os seus feitos estão de accordo com os fins sociaes; que se esforçou em realizar o idéal nacional.

Que queria o povo brasileiro, trabalhando pela Independencia desde 1821, quando se partiu para a Europa d. João VI, representante da monarchia tradicional, até 1822, quando se proclamou a Independencia? Continuar a viver escravizado ao mesmo regimen — *mutato nomine*? Qual o seu idéal, quaes as aspirações? Eram o governo hediondo da policia arbitrária, as devassas, a compressão da liberdade do pensamento, da palavra, da consciencia, a confiscação dos direitos que constituem a liberdade civil e politica? Como o patriarcha satisfaz as aspirações nacionaes?

Convertendo-se em mantenedor dos horrores do regimen antigo que o povo condemnava e temia; governando sem ter nenhum idéal, abuzando das portarias e devassas — (seu unico idéal politico) — oppostas á natureza dos dogmas do constitucionalismo, que já era a crença das nações livres. Nada mais soube dar... Nada mais fez do que governar por meio da policia..

Qualquer dos nossos chiefes da rua do Lavradio lhe é superior no habil traquejo desses negocios..

Ah! sim, o inquerito dos posteros verificará actos e idéaes de cada um, mostrando que, entre a nação e o patriarcha, o desaccordo é flagrante e profundo.

Os personagens serão analyzados nos actos que explicam a sua psychologia e deixam ver a pequenez, ou a grandeza do genio, e si obraram conforme as aspirações da nação. De certo, si taes actos fôrem proprios do despotismo, não serão os personagens proclamados benemeritos nem iniciadores dos povos na religião augusta da liberdade.

As dissimulações e hypocrisias dos Augusto e Tiberio, si illudiram os contemporaneos, não conseguiram o mesmo resultado perante a posteridades, que os julga taes quaes fôram. Dir-se-ia que a posteridade tem lucida e segura intuição do passado e comprehende a realidade — desembaraçando-se das paixões, das lendas, das mentiras, dos odios, ou do fanatismo e dos interesses que perturbam e obscurecem o presente.

Os posteros hão de apurar, um por um, os titulos e os serviços *reaes* de José Bonifacio. Oxalá que encontrem outros que não sejam as devassas e portarias!.. Hão de reconhecer que elle não soube organizar o Estado, nem dirigir o povo; pelo contrario, continuou, manteve e exaggerou os males e vícios do passado, do qual a

nação anhellava libertar-se. Não estabeleceu, em bases seguras, a conquista da Independencia, nem a dotou com leis que promovessem, ou desenvolvessem e consolidassem as forças economicas, a cultura moral e mental, a grandeza e prosperidade que contém a civilização. Debalde, procurarão na sua obra, que os idolatras tem exaggerado e os adversarios obscurecido, os meritos que nos impõem veneração pela memoria e o dever de glorificar-lhe o nome, encomiar-lhe o character e bem dizer dos relevantes serviços.

Pretenso instituidor do regimen constitucional e representativo, — elle mostrou-se em tudo avesso a tal systema, cuja essencia consiste na separação e limitação do poder, na plena liberdade de opinião, na inviolabilidade dos direitos, embóra as portarias evidenciem de que sorte essas condições essenciaes do regimen são tratadas pelo patriarcha.

Deputado, — elle é quasi nullo na tribuna parlamentar. Não discute, não imprime nenhuma orientação na Assembléa, que, imprudentemente, sacrificou ás iras imperiaes. Ministro, — sem vistas largas, sem altas concepções, não tem siquer o tino de attraír as vontades e central-as na realização de fins sociaes, fecundos e uteis á nação.

E' inesperadamente expulso do gabinete; uns attribuem esta quéda desastrosa ás *intrigas da alcova da Pompadour* do reinado; outros, ás questões do *Apostolado* (10). Muitos pensam e afixam que o Imperador comprehendeu que o systema de continuas perseguições, por meio de portarias e devassas, lhe arrancaria dos espiritos a colorosa popularidade que elle amava tanto quanto o poder absoluto. D. Pedro, character franco e generoso, com tendencias ao heroismo, queria um poder obedecido, não lhe convinha ser perseguidor. Desejava que o povo, em quem depositava e de quem tirava maxima força, soubesse a lei em que vivia, sem simulações e hypocrisias; queria liberdade e obediencia. O mecanismo policial era incompativel com o seu temperamento entusiasta. Aborreceu-se das meticulosidade do patriarcha e, ao primeiro pretexto, lançou-o fóra do ministerio. Esse facto suggere uma alluvião de considerações, que deixamos de indicar, mas que os leitores farão por si mesmos.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Discurso proferido na Camara dos Deputados em 21 de maio de 1832.

(2) Discurso de Alencar, Carneiro da Cunha e outros. Vide o *Diario da Camara*, sessão de maio.

(3) José Clemente ainda publicou pela imprensa e analyzou o processo que J. Bo-

nifacio mandou instaurar a 30 de outubro, em consequencia da devassa geral, e começado a 4 de novembro de 1822 contra carbonarios, demagogos, republicanos, etc.

(4) Vide o *Diario da Camara*, vol. 1º, sessão de maio.

(5) Kant, *Critica da razão Prat.*

(6) O sr. Barão Homem de Mello, num interessante volume, tentou justificar a Constituinte, glorificando os Andradas. O sr. conselheiro Tristão de Alencar, numa conferencia da escola da Gloria, considera ter havido tres patriarchas. O dr. Mello Moraes (pae) nega redondamente, com provas irrecusaveis, o patriarchado ao venerando e immortal José Bonifacio.

(7) Portaria de 2 de outubro de 1822, supra citada.

(8) Tacito, *Annaes.*

(9) Vico, *Scienza Nuova.*

(10) Mello Moraes assegura que o Imperador, por causa das desavenças em S. Paulo e aborrecido dos Andradas, prevalecendo-se das questões do *Apostolado*, os despediu abertamente.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A fórma do Sol — Variação dos diâmetros — Coincidencias com as manchas — Anomalias planetarias.

Que o Sol não é uma esphera perfeita e, sobretudo, invariavel, acaba de ficar perfeitamente demonstrado com os resultados das investigações systematicas de Lane Poor.

As medidas dos diâmetros polar e equatorial do globo solar, em 21 *clichés* photographicos colhidos por Rutherford em 1870, 1871 e 1872, mostram que durante esse periodo o diâmetro equatorial augmentou ao principio e diminuiu depois em relação ao diâmetro polar. Poor comparou, tambem, as medidas feitas em 1873—1875. Essas observações demonstram uma mudança progressiva analoga a de 1871—1872. Ao contrario, as medidas heliometricas de 1880—1883 são conformes ás indicações de 1870—1871.

Uma confirmação desses dados foi emfim obtida pelas photographias de 1893—1894 tomadas no observatorio de Northfield: nellas se encontra a mesma marcha dos elementos de 1871—1872 e 1873—1875.

Lane Poor concluiu que as variações dos diâmetros polar e equatorial coincidem com a curva das manchas solares, não sómente quanto ao periodo, como quanto á intensidade e emite a hypothese de que as variações do diâmetro solar poderiam explicar as anomalias dos movimentos de Mercurio, Venus e Marte.

* *

Fabricação do phosphoro — Novo methodo, tão elegante quanto hygienico — Emprego dos fornos electricos.

A fabricação do phosphoro repozava, até agóra, no tratamento pelos

ácidos, quer fazendo agir o acido sulphurico sobre a mistura de phosphato tricalcico e de carbonato de calcium proveniente da calcinação de ossos, quer tratando pelo acido sulphurico o phosphato bicalcico obtido pelo tratamento de ossos pelo acido chloridrico e precipitando-o em leite de cal.

A descoberta do forno electrico permite o emprego de um novo methodo, tão elegante quanto hygienico: repouza sobre a reacção que se produz quando os ossos misturados com areia (silicia, acido cilico) e carvão vegetal são elevados a altas temperaturas; obtem-se um silicato de calcium, ao mesmo tempo o phosphoro se distilla com o oxydo de carbono. As retortas da distillação são cylindros de ferro, revestidos de barro refractario, no interior das quaes penetram electroides de carvão fornecedores do arco electrico.

*
**

Conservação dos caminhos de ferro. — Invasão da vegetação daninha. — O inconveniente em proporções enormes.

E' um dos maiores obstaculos á conservação dos caminhos de ferro, nas linhas em que a circulação não é muito intensa, a invasão da vegetação.

No caminho de ferro de Guayaquil a Quito, esse inconveniente se dá em proporções consideraveis e, para evital-o, emprega-se a réga com uma mistura chimica, composta de uma dissolução de 450 gr. de acido arsenical em 22 litros d'agua super aquecida e de outra de 450 gr. de nitrato de soda em 27 litros d'agua. Para dar bons resultados, o liquido deve ser impellido pelo ar comprimido, ou pelo vapor de um wagon regador. A réga se effectúa todos os tres mezes, na razão de 7.400 litros por milha de 1.600 metros.

Essa mistura é venenosa, mas inutiliza completamente a vegetação.

*
**

Alicerces. — Medida exacta da pressão sobre o sólo. — Novo processo engenhoso. — A indicação do sr. Mafeus.

Osr. Mafeus indicou, no *Centralblatt der Bauverwaltung*, um engenhoso processo, muito mais exacto do que os methodos até agóra empregados, para medir a resistencia de um sólo, destinado a supportar alicerces.

Ordinariamente se amontoam pedras, pedaços de ferro de pezo conhecido, mas o pezo não é rigorosamente semelhante; a carga não é progressiva; as pressões sobre as diferentes partes do sólo não são as mesmas.

O novo methodo applicavel á superficie de pequenas dimensões, com-

porta o emprego de um cylindro metalico estanque, composto de anneis reunidos e repouzando sobre o sólo por um apoio apropriado. Esse cylindro se enche progressivamente d'agua, e um indicador, ligado a um fluctuador, regista, a cada momento, o nivel interior e, por consequente, a carga. Um instrumento de nivelamento indica quando o cylindro começa a enterrar-se.

O ALMIRANTE (69)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXIII

Nuuma grande excitação, d. Eugenia aguardava ansiosa a resposta de Amelia. Vendo o padre approximar-se lentamente, lançou-lhe um olhar interrogativo, a que elle respondeu alçando os hombros e fazendo com a cabeça um gesto negativo, desanimado.

— Amelia recuzou—disse ella, com irritado accentu—Eu previra que ella recuzaria. Aquella creatura é teimosa...

— Tudo impossivel — respondeu o padre Paulo—Os meus conselhos não encontravam echo naquella coração impermeavel...

— De orgulho, senhor padre, de orgulho...

— E' isso, um excessivo amor proprio que a mortifica, que a martyriza.

— Foi sempre assim, desde menina. Culpa do pae, que lhe fazia todas as vontades, todos os caprichos...

— Todavia, ama Oscar. Ella m'o disse numa explosão do coração torturado; disse-m'o com lagrimas nos olhos, toda vermelha de pudor, como si confessasse um horrendo peccado. O que eu lhe aconselhava era um sacrilegio, um sacrificio monstruoso.

— Veja que idéas! Com o encara um beneficio para lhe assegurar o futuro!

— Em vão, tentei convencer-a: declarou, positivamente, que jámais despozaria um moribundo...

— E' isto, é isto... E agóra?

— Pensemos noutra coisa. Peço-lhe guardar o maior segredo sobre o que acabo de narrar á senhora, que, como mãe, tem o direito de conhecer a verdade inteira. Bem viu que as minhas intenções eram as mais louvaveis, as mais santas. Fiz quanto cabia nas minhas attribuições de pastor de almas.

— Não haverá outro meio, padre?

— Outro meio?

— Si o senhor tivesse a bondade de consultar Hortencia...

— Hortencia! — tornou o padre, admirado—Eu a considerava comprometida...

— Não, não tem compromissos. Gosta do dr. Sergio de Lima, mas essa inclinação da mocidade...

— Que são, muita vez, as mais fortes.

— Não tem ainda raizes.

— Quem sabe? Apesar da sua perspicacia de mãe, póde estar enganada. A dissimulação é a mais perigosa arma da mulher.

— Aquella é ambiciosa. Encara a vida pelo lado positivo. Não é moça de phantasias... O dr. Sergio é um moço cuja assiduidade junto de Hortencia, para falar verdade, não me desgostava; tem muito talento, como afirma o Antonino, que não barateia os seus juizos sobre os homens; póde galgar como deputado as altas posições da politica, mas não tem meios; é um moço pobre. E aquella filha tem instinctos de grandeza; nutre aspirações muito superiores aos nossos recursos...

— Si assim é, poderemos tentar. E', entretanto, indispensavel que ella não saiba que consultámos a irmã.

— Quanto a isso, fique descansado. E Oscar?

— Oscar estará por tudo.

— Mas a senhora o consultou sobre Amelia...

— Tive a precaução de prescindir disso.

— Mas affirmou a marquezia...

— E' verdade. Commetti essa insignificante mentira em beneficio daquella alma prestes a dar contas ao Altissimo. Amelia fez referencias a Dolores...

— Ah, não me fale nisso, um escandalo, em que eu não acreditaria si não visse com os meus olhos.

— Bem vê que estou justificado para com a minha consciencia, empregando todos os meios para que não morra em peccado mortal. Não ha meio mais santo para remir a macula do adulterio do que o casamento.

Neste ponto, a conversação foi interrompida pela presença da marquezia, cujo olhar brilhava animado por um raio de esperança.

— Acabo de estar com o doente—disse ella—Achei-o muito animado.

— Talvez pela febre — observou o padre.

— Apertou-me a mão e sorriu. Tenho viva fé no seu restabelecimento. Diz-me o coração que elle não morrerá. Com que meiguice, com que ternura o pobre agradeceu a Hortencia aquella solitudine, aquelles carinhos de enfermeira abnegada... E' verdade, padre Paulo: falou a Amelia?...

O padre vacillou e respondeu resolutu:

— Pensei melhor, senhora marquezia. Considerei a situação de Hortencia junto do enfermo, a dedicação extremosa que vossa excellencia acaba

de referir e que eu já havia notado. Mudei de parecer... Não, não falei...

—Fez bem.

—De resto, sendo esse casamento uma formalidade, a escolha da noiva será, talvez, de pouca importancia para Oscar. O essencial é que elle faça esse beneficio. Eu tenho fé em Deus que o sacramento será para elle um excellente remedio pela agradável impressão que lhe ha de causar. Tenho visto doentes desenganados, ás portas da morte, resurgirem por milagre, depois de receberem aquella demonstração da graça divina. Na alma santificada florescem rapidamente os germens da saúde perturbada. *Spiritus promptus est, caro infirma.*

D. Eugenia confirmava com um gesto de cabeça as palavras do padre e a marquezia meditava na situação de Oscar, a creatura idolatrada, cuja vida era o seu unico bem neste mundo. Nessa pausa, em que se reflectia a indecisão dos tres, o interesse, o mysticismo, o amor da mãe infeliz occupando-lhe o coração vazio, privado do affecto dos filhos, lhes perpassavam no espirito todos os inconvenientes e vantagens da resolução proposta e o effeito della no conceito da sociedade perversa sempre inclinada a malsinar, a deturpar os actos mais legitimos, mais razoaveis e innocentes.

—Si vossa excellencia, senhora marquezia—continuou o padre—que tem poderosa influencia sobre os dois, tomasse a iniciativa de resolver o caso... tudo se arranjaría facilmente. O fracasso da minha intervenção junto de Amelia tirou-me o animo para repetir tão melindrosa tentativa.

—Tem razão—ponderou d. Eugenia—Eu sou suspeita, não devo absolutamente intervir; a marquezia tudo conseguiria com a sua auctoridade...

A marquezia ergueu-se num movimento energico e encaminhou-se para a bibliotheca.

Oscar contemplava Hortencia, cuja figura graciosa se destacava no quadro de uma janella illuminada pelos raios obliquos do sol cadente. Ella tomára do José, fiel creado que lhe servia de auxiliar no tratamento do enfermo, uma taça de leite e o arrefecia com uma colher de prata.

Os seus olhos enfraquecidos se delectavam com a imagem da meiga creatura, immerso num limbo de luz como o anjo da esperanza naquella transe doloroso. E lhe inundava o coração uma suavissima sensação de reconhecimento, de gratidão pela abnegada assistencia, pelo infatigavel carinho que lhe tornava apazível o sofrimento.

—Depois disto—recomendou Hortencia, dando-lhe a taça—o meu querido váe repouzar até á visita do medico.

—Váe ter com a marquezia—murmurou Oscar, sorvendo o leite, lentamente, aos golos—váe confortal-a: ella tanto necessita que a consolem...

—Está falando de mais, está infringindo a obrigação de silencio...

—Eu ficaria com o José...

Oscar proferia as palavras uma a uma, com esforço; falavam mais os olhos, naquelle murmurio sibillado, com angustia, do que os labios gretados pela febre.

—Está muito melhor—tornou Hortencia, com affectada severidade—mas está, como todos os doentes insubordinados, abuzando da saúde.

Oscar sorriu e, tomaudo-lhe as mãos, conchegou-as ao seio apertando-as entre as suas abraçadas.

No rosto de Hortencia, deformado pelo esforço de conter a magra do desespero pela vida de Oscar, havia um tom de calma energica, rispida, um traço de soberana vontade, presidindo aquella abnegação heroica.

—Pódes ir, José—disse ella ao creado—Alli vem a marquezia, que ficará comnosco.

(Continúa)

D'AQUI E D'ALLI

Apuradas as eleições, raspados os cartazes, devem-se apurar os candidatos...

E de todos é consideravel um, que ninguem conhecia infelizmente mas que se tornou uma sublime celebridade... depois que, por celeste amor á industria, imaginou ser deputado... do commercio, dos operarios, da democracia e mesmo da litteratura, apesar de outro concorrente pelo primeiro districto. Esse um, que já agóra não é *nenhum*, é o mesmo que, «si fôsse eleito. e reconhecido», prometteria:

«—conservar immutavel essa fervorosa crença que me inspira—Deus.

—manter intangivel esse nome por demais honrado de meu venerando pae e, finalmente,

—cumprir o meu dever!»

Não foi, porém, e por desgraça, eleito. A despeito do commercio, dos operarios, da democracia, da litteratura e talvez do clero, o sr. Magalhães teve apenas 560 votos! A despeito disso e, segundo um balanço authenticico, de cerca de *quarenta contos*, que espalhou em *réclames* de toda ordem, todas as manhãs, todas as tardes, em todos os jornaes, daqui e de alguns Estados, em todas as esquinas, em todas as portas e partes, com retrato, sem retrato, com biographia—até á farça irresistivel de desistir da candidatura, para dar, no dia seguinte, logar a uma catastrophe

de novas *réclames*. E nada! Em vão! Debalde! Eil-o «bigodeado pela perfidia de eleitores que, saturados de genebra e Carta constitucional, desde a taberna até á urna, fermentaram a chrysalida de consciencias novas.»

Desgraça! Eis tudo o que resta

Da raça dos Prometheus!

Um mundo sem liberdade!

Um infinito sem Deus!

No dorso das cordilheiras,

Batem rijas, agoureiras,

As martelladas do algoz:

E' o carrasco negro, immundo,

Pregando o esquite de um mundo

No seu sudario de herbes.

O eleitorado, o grande perverso, — negociantes, operarios, democratas, padres, litteratos — entendeu, comnosco (num. 60, anno II, dos *Annaes*) que o jovem (vide os cartazes com retrato), que o «grande protector da pobreza, o perfeito democrata, o illustre e independente escriptor» devia ficar em casa para crer em Deus *et reliqua*. Mas — consolemo-nos — elle foi o mais util dos candidatos: gastou cerca de *quarenta contos*, e daqui felicitamos a imprensa pela parte que lhe toca, veramente, dessa utilidade...

**

Acceite o *Dia* as nossas saudações pelo seu apparecimento.

Como jornal da tarde, sob o talento do seu director, o sr. Eugenio Silveira, e do seu secretario, o sr. Emilio Kemp, póde perfeitamente triumphar. E' um diario moderno, de grande formato, de muitas informações e de muita distincção no seu programma — que a sua vida melhor, mais largamente traçará.

A sua collaboração é excellente: os srs. Bilac, Arthur Azevedo, Paulo Barreto, Leoncio Correia e outros. Assignaturas: anno, 28\$000; semestre, 14\$. Redacção e administração, rua da Assembléa, 98; officinas, rua Silva Jardim, 5.

**

Já é do dominio publico que o ministro Bulhões não se conteve perante os symbolos da monarchia brasileira, ultimamente encontrados na casa forte do Thezouro. Pegou da corôa e cingiu-a...

Este episodio, que nada tem de extraordinario, deu logar ás seguintes linhas, em que o sr. Coelho Netto se diverte e se surprehe a tirar da vadiação do ministro o motivo de uma suprema e delicadissima ironia:

O illustre ministro da Fazenda tem motivos de sobra para estar orgulhoso — a descoberta que acaba de ser feita no Thezouro é das que enchem de gloria uma administração, ainda que alguns supersticiosos nella descubram um vaticinio funesto.

Reapparecem os symbolos da monarchia — corôa, sceptro, papo de tucano, etc... Uhm! Não surja tambem

o dono ou dona de taes prendas reclamando-as e, com ellas, o throno, que ninguem sabe onde pára.

As reliquias do velho regimen, detestado por uns, adorado por outros, jaziam no casarão da rua do Sacramento, por onde teem passado tantos ministros e de onde teem saído tantos caixotes. O dr. Bulhões não as procurou, mas o acaso quiz que fôsse elle o afortunado que as encontrasse e depa-rou-lh'as, tornando-o assim o *primus inter pares* dos administradores da fortuna publica.

Examinando o precioso achado, dizem que o venturoso ministro experimentou, uma a uma, todas as peças; cobriu-se com o manto, empunhou o sceptro, enterrou na cabeça a corôa e assim, revestido de todas as insignias, adeantou-se em passo grave. Parecia um imperador do Divino. Um dos engrossadores aventurou timidamente:

— V. ex. dava um imperador de mão cheia! Um imperador de truz!

— Acha?!

— Oh!

— Pois, meu amigo, me acclame. Eu vou para o Campo com tudo isto e você põe a bocca no mundo, acclamando-me defensor perpetuo do Brazil.

— E v. ex. acceitava o presente grego? — perguntou o nababo Custodio.

— Homem, não sei. Estas coisas são decorativas, são, não ha duvida; mas não sei si me tomariam a serio com ellas. E' verdade que estamos no mez carnavalesco.

— Porque não? o habito não faz o monge. Demais, quem foi rei sempre tem magestade. Não digo que v. ex. se fizesse corôar aqui, na capital, mas em Goyaz. Si v. ex. apparecesse em Goyaz com todos estes apetrechos, juntasse janizaros, e mandasse berrar pelas ruas e pelos campos a sua proclamação. . eram favas contadas. Tente, excellentissimo. Seria um beneficio para Goyaz e para os sebastianistas—o Estado, passando a imperio, imperio do Meio, como a China, saíria da inercia em que vive, tornando-se, de uma hora para outra, conhecido em todo o mundo, que ignora a sua existencia, e os sebastianistas teriam um refugio. Si estas preciosidades não fôrem aproveitadas immediatamente, pôdem, em breve, ter o destino que tiveram os outros caixotes; assim, v. ex., utilizando-as em bem da patria goyana, ellas ficarão em boas mãos e dando prestigio a uma região que a politica nefasta tanto tem acalcanhado. Seja v. ex. d. Bulhões I, o Venturoso.

— E si a historia pedir a origem da minha dynastia?

— V. ex. dirá que a tirou de um caixote.

— Não basta...

— Como não basta? Não saem os presidentes das urnas? porque não poderão sair os imperadores dos caixotes...?

— Sempre haverá quem diga perversamente que sou um imperador de contrabando.

— Historia, imperial e excellentissimo cidadão e senhor. Historia! De contrabando ha muita gente neste paiz e, nem por isso, lhe vão os esbirros em cima. Suba ao throno e deixe correr o barco.

— Homem, não quero. O outro não acabou bem e era dono da casa, quanto mais eu, que entro como inquilino. Nada. Fico na pasta. Deixemo-nos de cavallarias altas. Mais vale um passaro na mão do que mil tucanos a voar.

COELHO NETTO.

XADREZ

O XADREZ EM S. PAULO

Ainda temos os seguintes resultados dos torneios realizados no Club de Xadrez.

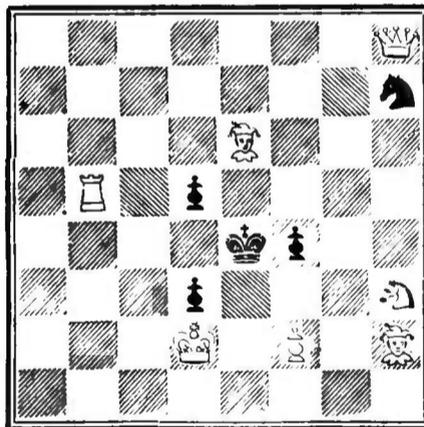
Torneio da 3ª classe:

1º logar	— Salvador Melillo..	19	pontos
2º	» — Arthur Ravache..	18 1/2	
3º	» — B. Pozzio.....	18	
4º	» — Candido Rocha...	16	

Torneio da 5ª classe:

1º logar	— Camargo.....	11	pontos
2º	» — P. Pepe.....	10	
3º	» — H. Gladosch.....	7	

PROBLEMA N. 36
Annibal Pereira da Costa (Rio)
PRETAS (5)



BRANÇAS (7)

Mate em dois lances

Chamamos a attenção dos amadores para o magnifico problema de hoje.

PARTIDA N. 38

(Jogada no torneio do Club dos Diarios em outubro de 1905)
DEFEZA DOS 2 CAVALLOS

Branças (Frota Pessôa)	Pretas (Henrique Costa)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B R — 2 —	C 3 B D
B 4 B D — 3 —	C 3 B R
C 3 B D — 4 —	B 4 B
P 3 D — 5 —	P 3 D
B 5 C R — 6 —	B 3 R
C 5 D — 7 —	B X C
B X B — 8 —	Roque
P 3 T D (a) — 9 —	P 4 T D

Roque (b)	— 10 —	C 5 D (c)
C X C (d)	— 11 —	B X C
P 3 B D	— 12 —	B 2 T
P 4 D	— 13 —	P 3 B D
B 3 C	— 14 —	D 2 R
P 4 B R	— 15 —	P X P B R (e)
T X P	— 16 —	D 4 R
T 5 B	— 17 —	D X P R
B 2 B D (f)	— 18 —	D 5 C R
D 3 D (g)	— 19 —	P 3 C R
T X C	— 20 —	D X B
T D 1 B R (h)	— 21 —	P 4 D
D 3 B R	— 22 —	B 1 C (i)
T X P B R	— 23 —	B 3 D
B 3 D	— 24 —	T D 1 R
D 2 D ? (j)	— 25 —	D 6 R (k)
T X T x	— 26 —	B X T
P 4 B	— 27 —	B 2 C
R 1 T	— 28 —	D X D
T X D	— 29 —	B X P
T 2 R	— 30 —	T X T
B X T	— 31 —	B X P
P 4 T D	— 32 —	P X P
B X P x	— 33 —	R 1 B
R 1 C	— 34 —	R 2 R
P 4 T R	— 35 —	P 3 T R
P 4 C R	— 36 —	R 3 D
B 3 D	— 37 —	P 4 C R
P X P	— 38 —	P X P
R 1 B	— 39 —	R 4 B
R 1 R	— 40 —	R 5 C
B 2 B	— 41 —	P 4 C
P X P	— 42 —	P X P
R 2 D	— 43 —	P 5 T
B 4 R	— 44 —	R 6 T
R 2 B	— 45 —	P 5 C
R 1 C	— 46 —	P 6 C
B 6 B D	— 47 —	B 6 B D
B 7 D	— 48 —	R 5 C
B X P	— 49 —	R X P
R 1 B	— 50 —	P 7 C x
abandonam	— 51 —	

(a) Para guardar contra o B ou C adverso a casa 4 C D.

(b) Era muito mais forte desde já: 10—P 3 B D, D 2 R; 11—P 4 D, P X P; 12—P X P, B 2 T; 13—Roque, etc.

(c) Não parece que as Pretas tenham melhor lance.

(d) 11—B X P é inferior.

(e) Si 15... P X P D, o centro das Brancas ficaria muito forte.

(f) O dr. Caldas Vianna, que acompanhava essa partida enunciou no momento, entre os assistentes a opinião de que o sacrificio 18— T X C daria a victoria ás Brancas. Estudando depois a hypothese, conveio nos perigos desse lance, principalmente contra um jogador forte como o dr. H. Costa. Essa variante daria provavelmente a seguinte linha de jogo: 18—T X C, P X T; 19—B 2 B D, D 3 R! 20—D 5 T (20—B X P x não dá coisa que valha, desde que as Pretas não tomem o B) T 1 R; 21—B X P T x!, R 1 B; 22—D 6 T x, R 2 R; 23—B 4 T R (ameaçando T 1 R), D 4 D, etc.

(g) Seria mais simples e seguro acceitar a troca das D. e recobrar o pião: 19—D X D, C X D; 20—P 3 T, C 3 T; 21—B X C, P X B; 32—T 6 B, ameaçando bons piões indefezos e com um bom ataque.

(h) 21—T X P D daria ataque ás Pretas.

(i) O jogo das Pretas está apertado. E' muito habil a entrada deste Bispo em jogo.

(j) Desastrado. As Brancas viram um ataque falso por T 6 R e precipitadamente fizeram o lance errado de texto. A situação é para trocas.

(k) Henrique Costa aproveitou com habilidade o erro e a perturbação do inimigo, mas este o ajudou commettendo faltas successivas. Aqui a troca immediata das D, se impunha, ainda dando probabilidades de empate. O final é sem interesse.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 35 (Tacito & Lipman): T 1 T D.

JOSÉ GETULIO.

OS ELEITOS DA HUMANIDADE

« Les vivants sons toujours, et de plus en plus, dominés par les morts. »

AUGUSTE COMTE. — *Politique Positive*, t. II, pagina 61.

« As memorias gloriosas,
Cantando espalharei por toda a parte
Se a tanto me ajudar o engenho e arte. »

CAMÕES. — *Lusiadas*, Canto I.

XXXI

THEMISTOCLES

(A DEFEZA DA GRECIA)

Quando a degenerada theocracia
Dos Persas ao Occidente se lançava,
E a evolução deter-lhe pretendia,
Tornando a Grecia do Levante escrava ;

O genio de Themistocles surgia,
Em serviço da patria se ostentava,
E, com denodo, com prudencia, guia
A campanha que o Barbaro excitava.

Seu nome, a luta contra a Persia exprime;
Chefe, outros chefes com vigor domina,
Punindo o Meda de nefando crime.

E nesse feito heroico, sem segundo,
Na batalha naval de Salamina,
Salvando a Grecia, elle salvou o Mundo.

XXXII

ALEXANDRE

(A CONQUISTA DA PERSIA)

« Siluit terra in compectu ejus. »

BIBLIA. — *Machabeus*, lib. I, v. 3.

Glorioso rei, magnanimo guerreiro,
Que te consagras pela paz á guerra,
Illuminando o Barbaro estrangeiro
Com a luz espiritual que a Grecia encerra ;

E contra o Persa, cuja audacia aterra
A séde augusta do saber primeiro,
Marchas tão firme, altivo e sobranceiro,
Que apenas por te ver se cala a Terra ;
Tu és o chefe da immortal conquista,
Que do theocratico regresso priva
A Grecia, e faz que a Grecia sempre exista.

Incorporado ao heróe de Salamina,
Cheio de gloria, cada vez mais viva,
Teu grande vulto os seculos domina.

XXXIII

SCIPIÃO

(A REPUBLICA ROMANA)

Quando Roma, seguindo alto destino,
A' conquista do mundo se entregava,
Houve um momento em que se viu escrava
De um medo atróz, de um panico assassino.

E' que Carthago os passos lhe cortava,
Bate-a em Cannes, em Trebia, no Tecino ;
Retem a Hespanha e, em louco desatino,
A' propria Roma aponta a rude clava.

Mas eis que Scipião, o heróe sublime,
Vence Annibal, e a si tambem vencendo,
Aos vencidos magnanimo redime.

Com tal triumpho esplendido e fecundo,
A romana republica crescendo,
Destróe Carthago e se incorpora o mundo.

XXXIV

TRAJANO

(O IMPERIO ROMANO)

Filho adoptivo do estimavel Nerva,
Que á direcção do povo-rei o alçara,
Trajano magestoso se conserva
Pelo valor, pela virtude rara.

Fazendo a Dacia dos romanos serva,
Parthos batendo, á sua Roma cara,
O grande imperio, o dictador preserva,
E á Humanidade, idéal porvir prepara.

Honesto e sabio, generoso e puro,
Só á Familia e á Patria se dedica ;
Plotina e Roma alentam-lhe o futuro.

Todo o Imperio resume-se em Trajano,
Como a alma imperial de amor mais rica,
Como o melhor imperador romano.

Rio, 1906.

(Dos *Poemas Sociolátricos*)

REIS CARVALHO.

AS PENEDIAS

Vejo-as a reluzir á flôr do oceano,
Circumdadas de um nimbo de alva espuma,
Domando o proprio mar, que se avoluma,
De quando em vez, nesse combate insano !

Em vão as vagas batem de uma a uma
— Oh, titanico encontro sobre-humano ! —
Ellas, firmes, mantêm o soberano
Denodo victorioso que as apruma !

Quantas vezes, oppoudo ao mar da vida
O peito, oh, penedias victoriosas,
Recordo a vossa lucta desabrida !...

E, firme, como vós, aos seus embates,
Resisto a essas vagas tempestuosas
No ardor do mais renhido dos combates !

Recife, 1906.

DOMINGOS MAGARINOS.